



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO II – CEDUC II
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

PAULO ALBERTO MARQUES

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DE VOCABULÁRIO NAS
AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

Campina Grande/PB

2012

PAULO ALBERTO MARQUES

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DE VOCABULÁRIO NAS
AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, na Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Prof^a. Ms. Sandra Maria Araújo Dias.

Campina Grande - PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M357r Marques, Paulo Alberto.
Reflexões sobre o ensino/aprendizagem de
vocabulário nas aulas de língua inglesa [manuscrito]. /
Paulo Alberto Marques. – 2012.

66 f.: il; color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras com Habilitação em Língua Inglesa) –
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação -
CEDUC, 2012.

“Orientação: Prof. Ma. Sandra Maria Araújo Dias,
Departamento de Letras”.

1. Inglês. 2. Vocabulário. 3. Música. 4. Ensino
aprendizagem. 5. Didática de ensino. I. Título.

21. ed. CDD 420

PAULO ALBERTO MARQUES

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DE VOCABULÁRIO NAS
AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

Aprovado em: 02 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Sandra Maria Araujo Dias

Ms. Sandra Maria Araujo Dias

(Orientadora)

Maria das Neves Soares

Ms. Maria das Neves Soares

(1ª Examinadora)

Cristiane Vieira do Nascimento

Ms. Cristiane Vieira Nascimento

(2ª Examinadora)

Média 95

EPÍGRAFE

“O ensino e a aprendizagem de vocabulário em segunda língua (L2) e a língua estrangeira (LE), depois de um longo período de negligência, passou a ter a atenção merecida. Mesmo assim, os estudos realizados até meados dos anos de 1990 foram motivados mais pelo interesse de pesquisadores no desenvolvimento de instrumentos de avaliação de vocabulário do que pela dificuldade que esse representa ao aprendiz de LE. [...]

A importância da sistematização do léxico nas aulas de LE já é reconhecida por grande parte dos profissionais da área. Como operacionalizar essa sistematização, sem incorrer nos mesmos erros do passado, porém, continua sendo uma incógnita, cuja descoberta depende do (re)conhecimento de qual seja a natureza do vocabulário”.

(SCARAMUCCI e GATTOLIN, 2007, p. 7)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha querida e amada mãe Maria Daura Marques, pelo apoio que ela me prestou, mesmo distante geograficamente; por sempre acreditar em mim e me encorajar a prosseguir e não desistir dos meus objetivos e sonhos. Obrigado minha mãe por tudo que és e por tudo que fazes por mim.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus que foi e é meu refúgio e fortaleza, que sempre esteve comigo nos momentos mais difíceis, e sem o qual não estaria presente aqui. A Ele toda honra e Glória.

À minha mãe Maria Daura Marques que sempre batalhou para que eu pudesse chegar aonde cheguei hoje, e pelo apoio recebido durante este tempo longe dela.

Um agradecimento muito especial, e o qual eu jamais poderia esquecer, às pessoas do Pastor Wostenes Santos, sua esposa e Missionária Gleydice Bernardes, e suas filhas, Letícia e Gabrielle, que me acolheram como membro de sua família durante o meu primeiro ano aqui em Campina Grande, e terão sempre um lugar especial em meu coração. Meu muito obrigado a vocês, por me acolherem como membro de sua família.

A Débora Dana Garcia Barbosa, minha namorada, pela imensa paciência que teve para com a minha pessoa nos momentos em que me encontrava preocupado, e estressado durante a elaboração deste trabalho, e por todo o apoio e encorajamento que a mesma me deu durante toda a minha caminhada na academia.

A Profa. Ms. Sandra Maria Araújo Dias, pela competência e determinação em me orientar neste trabalho, bem como pela sua disponibilidade e prontidão em continuar sendo minha orientadora, mesmo não fazendo mais parte do corpo docente desta instituição. Muito obrigado professora pelo seu apoio, por acreditar na minha capacidade, e por tudo que fizeste para que este trabalho se tornasse uma realidade.

A todo o corpo docente do Departamento de Letras e Artes da UEPB, em especial aqueles que compõem a área de Língua Inglesa, destacando as professoras Maria das Neves Soares, Karyne Soares, Sudha Swarnakar, Cristiane Vieira, o professor Valécio Irineu, e todos os demais, os quais não mencionei aqui, mas que ficam registrados na minha lembrança. Muito obrigado a todos vocês pelo tempo de convívio, pelos aprendizados e ensinamentos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar de que maneira ocorre o ensino/aprendizagem de vocabulário em aulas de língua inglesa de um curso de extensão. Para isso, como embasamento teórico, faremos uso das teorias de Brooks e Warrens (1966), Hutchinson e Waters (1987), Lewis (1993), Rodrigues (2007), e Zilles (2007) dentre outros autores que abordam a mesma temática. Para realização deste trabalho, desenvolvemos uma pesquisa-ação de natureza qualitativa com três alunas do nível básico de língua inglesa, em um programa de extensão em línguas estrangeiras da Universidade Estadual da Paraíba. A pesquisa também objetiva verificar qual a visão que os alunos e o professor têm a respeito da relação entre o ensino e a aprendizagem de vocabulário, em um curso de extensão de língua inglesa, identificando assim o tipo de abordagem de vocabulário adotada pelo professor para o ensino de vocabulário, e como o professor transmite esse ensino, focalizando metáforas. Constatamos que os alunos se apropriam do vocabulário, mas para que esse aprendizado se dê de forma eficaz, é necessário que o professor faça o uso de diferentes abordagens de ensino de vocabulário. Verificamos também que a música que se constitui como um *instrumento* (AMIGUES, 2004) de auxílio no ensino de vocabulário, neste caso, metáforas, é eficaz, e que o envolvimento do aluno com a música, estimula este a participar de forma mais efetiva na atividade, bem como nas aulas de modo geral.

Palavras chave: Ensino. Aprendizagem. Vocabulário. Música.

ABSTRACT

The present study aims at investigating the way vocabulary teaching / learning takes place in the context of English language classes in an extension course. In order to achieve the formulated goals, as the theoretical basis, we will use the theories of Brooks and Warrens (1966), Hutchinson and Waters (1987), Lewis (1993), Rodrigues (2007) and Zilles (2007) among other authors, addressing such a subject. For this study, we developed a qualitative action research with three students at the basic level of English language in an extension program in foreign languages at State University of Paraíba (Universidade Estadual of Paraíba). The survey also sought to verify what the vision that students and teachers have about the relationship between teaching and learning of vocabulary in an ongoing extension of the English language, therefore identifying the type of vocabulary approach adopted by the teacher so as to teach vocabulary, and how the teacher practice occurs, focusing specifically on the metaphors. We found that for students take acquire vocabulary, it is necessary for the teacher to make use of different approaches to vocabulary teaching in an effective manner. We also noticed that music is an effective instrument (AMIGUES, 2004) in vocabulary teaching, in this case, metaphors, is effective, and that student involvement with music, it encourages them to participate more effectively in the activities, as well as in the lessons in general.

Keywords: Teaching. Learning. Vocabulary. Music.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O ENSINO DE VOCABULÁRIO NO CURSO DE EXTENSÃO DE LÍNGUA INGLESA	13
1.1 O professor de língua inglesa e o ensino de vocabulário em sala de aula.....	13
1.2 Abordagens de ensino de vocabulário	15
1.3 Os cursos de extensão no contexto universitário	17
2 O ENSINO DE METÁFORAS ATRAVÉS DE MÚSICAS DOS <i>BEATLES</i>	19
2.1 O ensino de metáforas	19
2.2 A música na sala de aula de língua inglesa.....	21
2.3 Um breve olhar sobre a história dos <i>Beatles</i>	23
3. PERCURSO METODOLÓGICO	26
4. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DE VOCABULÁRIO	29
4.1 O ensino/aprendizagem de vocabulário na perspectiva das alunas.....	29
4.2 A abordagem de ensino de vocabulário adotada pelo professor de língua inglesa na visão das alunas.....	32
4.3 Uma proposta de ensino/aprendizagem de vocabulário nas aulas de língua inglesa em cursos de extensão.....	35
4.3.1 Um olhar sobre o ensino/aprendizagem de metáforas presentes nas músicas dos <i>Beatles</i>	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES	49
ANEXOS	61

INTRODUÇÃO

Ao longo da minha experiência como aluno em aulas de língua inglesa sempre me questionei e refleti sobre o aprendizado de vocabulário, já que, às vezes, encontrava dificuldades em aprender determinado vocábulo. Refletia comigo mesmo, como eu poderia estudar vocabulário de uma forma diferente, descontraída, que não fosse a forma tradicional e explícita com a qual estamos acostumados no ensino regular da maioria das escolas brasileiras.

A convivência também com a música, especificamente as músicas dos *Beatles*, fez brotar a ideia de utilizar músicas para aprender vocabulário, pois ao mesmo tempo em que fazia algo descontraído e relaxante, aprendia novos vocábulos em uma língua inglesa, de forma divertida.

Ao iniciar meus estudos acadêmicos, essa questão voltou à tona, e aquela ideia que tinha enquanto um aluno comum de ensino médio, agora, poderia ser investigada profundamente, verificando a articulação entre o ensino/aprendizagem de vocabulário em língua inglesa.

Pesquisas sobre vocabulário (ZILLES, 2001), particularmente acerca de figuras de linguagem demonstram que as atividades com música na sala de língua inglesa contribuem para o ensino/aprendizagem de vocabulário, de forma mais eficaz e eficiente.

As figuras de linguagem em língua estrangeira (LE), em especial em língua inglesa tem se tornado a cada dia um recurso muito utilizado. Embora muitos educadores tenham algum tipo de preconceito com essa forma de expressão verbal - a figura de linguagem - esta é de grande valor comunicativo nas várias esferas da nossa sociedade neologista. Isso se deve ao fato de que o significado de certas expressões não é, muitas vezes, compreendido em determinados contextos.

Alguns professores de língua inglesa questionam o uso de figuras de linguagem como uma prática antiética, ou seja, não usar a língua na sua forma mais formal, quando na verdade, muito deles, inconscientemente, usam as mesmas expressões e não as percebem. Isso mostra que, por mais “inadequado” que pareça ser usar essas figuras nos nossos diálogos cotidianos, isso acontece de maneira tão natural que até mesmo os que dizem ser errado fazer uso dessa prática, acabam por utilizá-las.

Nota-se que essas figuras de linguagem viabilizam a incorporação de novos termos para expressar pensamentos e ideias no meio da sociedade moderna, particularmente, entre os jovens.

Percebemos que essa temática, o ensino/aprendizagem de vocabulário de língua inglesa, não tem sido muito discutida em trabalhos de conclusão de curso dos graduandos, e nem em dissertações pelos mestrados, na instituição pesquisada, tornando-se, assim, um trabalho de grande valor científico para esta universidade e, conseqüentemente, facilitando o trabalho de outros estudiosos que desejem desenvolver projetos com essa mesma temática. Sendo assim, neste trabalho, utilizaremos as músicas da banda inglesa *The Beatles*, por ser um grupo musical muito conhecido em todo mundo, por se tratar de um grupo que marca a história da música, e que se destacou, influenciando gerações (das décadas 60 e 70) com suas músicas que traziam letras sobre o cotidiano dos integrantes da banda e/ou da sociedade em geral. Diante disso, levantamos os seguintes questionamentos:

- 1) Qual a visão que os alunos em um curso de extensão de língua inglesa, demonstram ter sobre o ensino/aprendizagem de vocabulário?
- 2) Qual a abordagem de ensino de vocabulário utilizada pelo professor para o ensino de vocabulário?
- 3) Como o professor pode ensinar vocabulário, particularmente as metáforas, presentes nas músicas dos *Beatles* no referido curso?

Escolhemos como uma das formas de se trabalhar o ensino de vocabulário as músicas dos *Beatles*, por se tratar de um grupo musical que é conhecido pelo público de várias idades. Supomos, ainda, que ao se apropriarem de vocábulos por meio dessas músicas, os alunos participarão, de forma efetiva, na aprendizagem da língua inglesa, não apenas vendo a língua explicitada diante de si, mas a partindo do que está implícito, ou seja, os discentes terão que atribuir significado aos novos vocábulos, de acordo com contexto em que essas metáforas ocorrem.

Portando, o presente estudo tem como objetivo geral investigar como ocorre o ensino/aprendizagem de vocabulário nas aulas de língua inglesa de um curso de extensão. Para isso, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- Verificar a visão que os alunos têm a respeito da relação entre o ensino e a aprendizagem de vocabulário em um curso de extensão de língua inglesa

- Identificar o tipo de abordagem de vocabulário adotada pelo professor para o ensino de vocabulário;
- Descrever a proposta de ensino de vocabulário que pode ser desenvolvida nas aulas de língua inglesa nesse curso;

Para atingir os objetivos propostos, este estudo está organizado em quatro seções. Na primeira seção, *O ensino de vocabulário em cursos de extensão de língua inglesa*, apresenta o papel do professor de língua inglesa no ensino de vocabulário em sala de aula, discorre sobre as abordagens de ensino de vocabulário e descreve os desafios encontrados pelos professores nos cursos de extensão no contexto universitário.

Na seção subsequente, *O ensino de metáforas através das músicas dos Beatles*, abordamos questões a respeito do ensino de metáforas e do papel da música na sala de aula de língua inglesa, além de apresentar um panorama sobre a vida e a história dos *Beatles*. Na seção seguinte, *Percurso Metodológico*, apresentamos o contexto da pesquisa, os participantes e os instrumentos de coleta de dados. Por fim, *Reflexões sobre o ensino/aprendizagem de vocabulário*, tratamos da visão dos alunos pesquisados sobre o ensino/aprendizagem de vocabulário, identificamos a abordagem de ensino de vocabulário adotada pelo professor-pesquisador, e apresentamos uma proposta didática de ensino de vocabulário em curso de extensão em língua inglesa.

1 O ENSINO DE VOCABULÁRIO NO CURSO DE EXTENSÃO DE LÍNGUA INGLESA

Nesta seção, abordaremos o papel do professor de língua inglesa no processo de ensino de vocabulário. Em seguida, mostraremos algumas abordagens de ensino de vocabulário e trataremos de alguns autores que defendem a importância deste ensino. Por fim, faremos uma explanação sobre o ensino de línguas nos cursos de extensão no contexto universitário, mostrando sua importância para a sociedade, e os desafios enfrentados para realização destes cursos.

1.1 O professor de língua inglesa e o ensino de vocabulário em sala de aula

Professores de língua inglesa em qualquer escola encontram, algumas vezes, dificuldades no ensino de vocabulário aos seus alunos, e isso é algo importante que deve ser levado em consideração por cada professor individualmente ou até mesmo deve ser compartilhado com outros colegas da área. Segundo Rodrigues (2007), uma das características que pode atrapalhar no ensino/aprendizagem de vocabulário “[...] é o fato de o professor ficar preso ao conteúdo do livro didático, não buscando integrar o vocabulário ao contexto do aluno ou com o qual ele está trabalhando” (*op.cit.*, p.27).

Os alunos de hoje buscam algo mais do que apenas sentar e ouvir o professor falar durante a aula; eles querem aprender se divertindo; esta aprendizagem deve ser algo prazeroso e um processo que faça com que este discente seja um participante ativo. A esse respeito, Hutchinson e Waters (1987) defendem que

Na aprendizagem, a aquisição do conhecimento é um fator certamente necessário, mas de igual ou maior importância é a necessidade de o aluno realmente sentir prazer em participar desse processo (*op.cit.*, p.51).

Atualmente, existe uma necessidade muito maior de utilizarmos outros *instrumentos*¹ (AMIGUES, 2004), além do livro didático, pois estamos em uma sociedade que vem mudando em suas várias esferas cotidianamente. Os alunos de ontem não são mais os mesmos

¹ De acordo com Amigues (2004, p. 24) os *instrumentos* constituem-se como *ferramentas* que foram apropriadas pelo professor em seu trabalho. Quanto às *ferramentas*, Amigues (2004) explica que em geral, “[...] são concebidas por outros” (2004, p.44), mas podem ser transformadas em instrumentos para a ação do professor.

alunos de hoje, e vice-versa. Os professores precisam acompanhar essa mudança da sociedade, pois se nos limitarmos apenas as informações dos livros didáticos, não atingiremos o contexto sociocultural dos alunos.

Rodrigues (2007) também esclarece que a falta de compreensão contextual de uma palavra isolada pode vir a atrapalhar o ensino do vocabulário. O autor explica que “[...] sem compreender a que contexto o aluno refere-se ao perguntar o sentido de determinada palavra, o professor acaba ensinando equivocadamente outra coisa, tendo em vista a polissemia de algumas palavras em língua inglesa” (*op.cit.* p.27-28).

As salas de aulas de estão repletas de alunos que aprendem de formas diferentes uns dos outros, fazendo com que - se o professor pretende alcançar todos os alunos ou pelo menos a maioria deles - o docente utilize diferentes abordagens de ensino. A utilização da abordagem tradicional, por exemplo, poderá atingir uma determinada quantidade de alunos, desfavorecendo o restante da turma. Sendo assim, o professor precisa elaborar sua aula, visando atingir a maioria de seus alunos, e, para isso, é necessário utilizar abordagens e métodos diversificados. Existem diversas abordagens e métodos que podem ser utilizados pelo professor em sala de aula para o ensino de vocabulário, fazendo com que ele atinja um número maior de alunos que consigam adquirir as informações por ele passada, de uma forma descontraída, dinâmica e diferente. Entre essas diversas abordagens, as que mais atingem um número maior de alunos são aquelas que, de alguma forma, ativam a parte cognitiva do discente ou o faz participar efetivamente da aula.

Por se tratar o Inglês, de ser uma língua estrangeira, e com certo grau de dificuldade, principalmente no que concerne a aprendizagem de certos vocábulos, muitos alunos, ao perceberem que não estão conseguindo ter êxito no aprendizado, acabam por se desmotivarem a continuar aprendendo e se esforçando para aprender; e muitos acabam desistindo. O papel do professor na sala de aula de língua inglesa é, portanto, essencial, já que este docente precisa motivar seu aluno de forma que o próprio discente perceba que é possível aprender aquela LE, e se sinta tão motivado quanto o professor que lhe ensina; só assim, ambos (professores e alunos) alcançarão um objetivo em comum: a aprendizagem.

1.2. Abordagens de ensino de vocabulário

Muitas pessoas não compreendem o conceito de vocabulário (o que significa) ou não sabem, de fato, a importância do vocabulário no ensino de língua estrangeira (LE). Acredita-se que é apenas mais um dos aspectos que integra o conteúdo programático de uma LE. A verdade é que o vocabulário é de extrema importância e indispensável quando se está aprendendo um novo idioma, pois, segundo Lewis (1993), pesquisas recentes mostram que o centro da língua é o vocabulário.

É difícil imaginar uma língua que não seja constituída de uma gama de vocábulos em sua estrutura; do contrário, a comunicação em tal língua seria praticamente impossível. Desse modo, entendemos que o vocabulário serve exatamente como um item de comunicação já que, o vocabulário é utilizado em todo e qualquer ato comunicativo.

Não se aprende vocabulário do dia para noite; este aprendizado demanda tempo e esforço. E para que haja uma internalização mais consistente do mesmo, é necessário exposição à LE (JACOBS, 1999). Esta exposição, como bem pontua o referido autor, é necessária, pois o aluno visa aprender, muito mais do que duas vezes por semana. O autor acrescenta que para o aprendiz alcançar um nível intermediário, é necessário aproximadamente 1.200h de exposição à língua. A interação entre os alunos na sala de aula, fazendo uso do vocabulário apresentado, é uma forma de expor o aluno ao uso da língua e fazer com que o mesmo comece a utilizar o vocabulário estudado, o que facilitará a internalização das novas palavras ensinadas pelo professor.

Além disso, a abordagem utilizada para o ensino de vocabulário em uma LE é fundamental. Assim, se faz necessário uma revisão constante do que está sendo estudado, principalmente, quando se trata de vocabulário. Nessa direção, é interessante ensinar aos alunos técnicas/estratégias de como estudar vocabulário de forma contínua e eficaz.

Existem várias maneiras de se estudar vocabulário, e muitas são as estratégias usadas para tal. Algumas pessoas utilizam lista de vocabulário, caderno de vocabulário entre outras tantas. Sousa (2007) aponta algumas sugestões para estudar um novo vocabulário, a saber: usar dicionários, criar diagramas para visualizar melhor as relações entre as palavras, criar diálogos com as palavras aprendidas, desenhar figuras ou recortá-las de revistas, criar gestos e/ou mímica que o façam lembrar expressões, *collocations*². Essas e outras sugestões ajudarão na internalização de novo vocábulo. No entanto, o esforço e a dedicação do próprio aprendiz é

² O termo *collocations* refere-se às combinações frequentes entre palavras de um idioma

a melhor estratégia no ato do aprendizado; sem eles, o aprendiz pode ter a sua disposição as melhores estratégias possíveis, mas não conseguirá ter o mesmo êxito que teria se estivesse empenhado na realização de determinada tarefa.

De acordo com Zilles (2007), há dois tipos de abordagens de vocabulário, a indireta e a direta. A abordagem direta diz respeito ao ensino de vocabulário de forma clara e consciente, direcionando os alunos de forma direta para o vocabulário-alvo que se pretende ensinar, mesmo que este esteja fora de um texto trabalhado em sala, ou fora de qualquer outro contexto. Já na abordagem indireta ocorre o oposto da mencionada acima. Nesta abordagem o vocabulário-alvo está exposto e contido nos textos trabalhados em sala de aula, mediado pelas aulas de leitura e compreensão de textos, fazendo parte assim de um contexto previamente determinado.

Atualmente, a abordagem de ensino de vocabulário mais utilizada pelos professores de língua inglesa é aquela subjacente aos livros-texto adotados pela escola. Essa abordagem acaba levando o professor a ensinar o vocábulo-alvo fora do contexto no qual ele se aplica. Para Zilles (2007) as atividades destes livros “[...] enfatizam estratégias de leitura e não têm como foco a aquisição de vocabulário”. Assim, a aprendizagem de vocabulário nestes exercícios está se dando de forma indireta, pois não há um foco exclusivo no ensino do mesmo, e as palavras estão sendo lançadas livremente, sem contexto de aplicabilidade nenhuma.

Faz-se necessário repensar nas abordagens que estão sendo utilizadas no ensino de vocabulário. Uma abordagem mal escolhida, mal elaborada e/ou mal aplicada, pode resultar em um total desastre no que concerne ao aprendizado do aluno. O professor deve ter em mente todos os tipos de alunos, o perfil de cada um, bem como da sala de aula como um todo, e ao explicar o novo vocabulário, deve estar flexível a mudar a abordagem e a metodologia de ensino, visando contemplar um maior número possível de alunos, bem como a internalização do maior número de palavras por parte desses discentes.

Como veremos mais adiante, o aluno deve estar motivado para que o aprendizado se dê de forma eficaz; assim, é importante que os professores tentem fazer uso de abordagens que incentivem, ao máximo, seus alunos a interagirem na sala de aula, pois com um aluno motivado, já se tem uma boa porcentagem de chance que o aprendizado ocorrerá.

1.3. Os cursos de extensão no contexto universitário

Os cursos de extensão em línguas estrangeiras, destacando aqui, a língua inglesa, no contexto universitário brasileiro, tem se tornado uma ferramenta de auxílio para um público variado, pois não são apenas alunos do ensino médio ou universitários que procuram os mesmos, mas profissionais de todas as áreas com diferentes níveis de escolaridade.

Para muitas pessoas, estes cursos tem sido oportunidade única de aprender e/ou desenvolver as quatro habilidades linguísticas (compreensão oral e escrita, e produção oral e escrita) em uma LE, exigidas no mundo profissional e acadêmico. Além disso, em muitos casos, essas pessoas não têm condições financeiras de pagar um curso livre de idiomas. No ensino regular, não há tempo suficiente para que o desenvolvimento dessas habilidades ocorra.

Os cursos de extensão nas universidades públicas brasileiras têm, entre seus objetivos, ajudar o aluno universitário - ingressante no curso de Letras, com habilitação em Língua Inglesa, no nosso caso - aperfeiçoar e/ou desenvolver as quatro habilidades linguísticas na língua-alvo, dando-lhe melhor condição de compreensão linguística em suas aulas do nível da graduação. No caso dos graduandos em Letras, o curso de extensão possibilita ao professor em formação, que já possui um bom conhecimento do idioma, tenha oportunidade de desenvolver sua prática de ensino, atuando como professor desse curso, adquirindo, portanto, experiência como docente. Além disso, os cursos de extensão também oferecem oportunidade não só aos alunos da graduação como também outras pessoas estudarem uma língua estrangeira sem gastos financeiros com mensalidade, já que o curso oferecido é gratuito.

Embora seja visto como uma oportunidade de baixo custo – em alguns casos, há cobrança indevida de taxas –, ou mesmo, sem custo algum, os cursos de extensão ainda não oferecem uma boa qualidade de ensino/aprendizagem. No que concerne ao ensino, falta muito ainda para chegar a uma boa qualidade, e as razões para isso são várias. Primeiro, nem todas as universidades oferecem incentivo financeiro ao aluno-professor, o que acarreta em um baixo interesse por parte desse aluno a querer se engajar em programas como esse. Este aluno nem sempre tem condições suficientes de se deslocar de sua residência, duas vezes por semana, para ir até a universidade dar aula gratuitamente. E, muitas vezes, o horário de término das aulas da graduação é incompatível com o horário das aulas do curso de extensão; este fato impede o aluno-professor ir até sua casa fazer sua refeição e voltar a tempo para iniciar a aula. Se houvesse alguma bolsa de ajuda de custo, ao menos para ajudar com o

transporte e/ou alimentação nos dias em que estivesse dando aula, facilitaria para o aluno-professor.

Outra razão que leva os cursos de extensão a não terem uma ótima qualidade de ensino, é o baixo investimento, isso quando há investimento no curso. Investimento não apenas nos alunos-professores, mas também nos materiais didáticos³. Devido à falta de recursos para que o curso de extensão tenha seus próprios equipamentos e materiais didáticos diversos, se faz necessário o uso de equipamentos dos cursos de graduação. Portanto, os únicos recursos disponíveis ao ensino da LE são *micro-systems*, TV e DVD, além do quadro. Isso, muitas vezes, limita e restringe as técnicas de ensino utilizadas pelo professor, impedindo-o de trazer atividades diferentes.

Contudo, quando se há interesses de ambas as partes, tanto do discente como do professor do curso de extensão, a aprendizagem é possível sim, e o ensino mesmo que sem tantos recursos tecnológicos e didáticos, também acontece de forma criativa e eficaz. Para tanto, é necessário apenas, criatividade e desenvoltura por parte de quem ensina e participação ativa e colaboração por parte de quem quer aprender. Pois se as duas partes trabalharem juntas com o mesmo objetivo, o aprendizado será tão bom quanto o de quem frequenta uma escola de línguas. E o desenvolvimento da habilidade oral e até mesmo escrita da LE acontecerá de forma satisfatória. Desse modo, tanto os alunos como o professor ficarão satisfeitos com o trabalho desempenhado, mesmo com tantas limitações em relação ao uso de recursos didático-pedagógicos.

³ Na época em que a pesquisa foi desenvolvida, o aluno-professor não recebia nenhuma ajuda de custo, mas, hoje, é oferecida ao aluno-professor uma bolsa com um valor simbólico, que ajuda o aluno.

2. O ENSINO DE METÁFORAS ATRAVÉS DE MÚSICAS DOS *BEATLES*

Nesta seção, abordamos questões relativas ao ensino/aprendizagem de metáforas em aulas de língua inglesa, a partir do uso de músicas dos Beatles. Além disso, apresentamos um breve panorama sobre a história dos *Beatles* e como suas músicas influenciaram tantas pessoas.

2.1 O ensino de metáforas

Para iniciar a explanação sobre figuras de linguagem, e, especificamente a metáfora, gostaria de definir, o que vem a ser uma figura de linguagem e qual sua importância para o aprendiz de língua inglesa.

Inspirado nos estudos de Longinus, Corbett (1965) afirma que as figuras de linguagem são capazes de infundir veemência e paixão nas palavras que são faladas, e que quando combinadas com um discurso argumentativo, não só convencem o ouvinte como conseguem torná-lo seu escravo⁴.

As figuras de linguagem não só ilustram bem o que queremos falar, como dão um novo olhar sobre as palavras que são proferidas no ato da fala. De alguma forma, estas figuras conseguem prender a nossa atenção, pois elas tendem a transformar a ordem natural ou o significado das palavras, tornando-as um texto criativo, facilitando a compreensão do mesmo (DRURY, 2006).

Várias figuras de linguagem fazem parte do nosso falar cotidiano. Gostaria de descrever aqui algumas delas, começando com a ‘comparação’, que tem como função atribuir características de alguma coisa ou pessoa para outra, como por exemplo, na frase: “*Love was such an easy game to play*” presente na música *Yesterday* dos *Beatles*. Outra figura de linguagem muito utilizada no nosso dia-a-dia, é a ‘hipérbole’, que consiste em um exagero no modo de falar de forma intencional, visando mostrar de forma muito expressiva, uma ideia ou opinião sobre determinado assunto, como por exemplo: “*don't carry the world upon your shoulders*”, presente na música *Hey Jude*. A ‘prosopopeia’ ou ‘personificação’ é outra figura de linguagem que funciona com o caráter de atribuir características humanas a objetos inanimados. No trecho, a seguir, da música *While my guitar gently weeps*, também da

⁴ As traduções ao longo desse trabalho são de responsabilidade do autor desta pesquisa.

composição dos *Beatles*, apresentamos um exemplo de personificação: “*Still my guitar gently weeps*”.

No entanto, neste estudo, centramos nossa atenção para a seguinte figura de linguagem: a metáfora.

Antes de começarmos a tratar do ensino de metáforas através de músicas, vejamos primeiro o conceito da palavra metáfora segundo o Dicionário Houaiss:

metáfora s.f. (sXIV cf AGC) ESTI. LING. RET designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (p.ex., ele tem uma *vontade de ferro*, para designar uma *vontade forte*, como o ferro). ETIM lat. *metaphōra, ae* 'metáfora', do gr. *metaphorá, ás* 'mudança, transposição', p.ext. em ret 'transposição do sentido próprio ao figurado, metáfora', do v. *metaphérō* 'transportar'; ver *met(a)-* e *fora*; f.hist. sXIV *metaphora*, 1450-1516 *metaforas*. (HOUAISS, 2001).

Assim, podemos apontar a metáfora como sendo a transportação de sentidos de uma coisa para outra coisa, atribuindo assim, um sentido figurado ao objeto do qual se fala. Por exemplo, ao dizer que eu chorei muito quando alguém importante na minha vida mudou-se para outro país, fazendo uso de metáfora, eu poderia utilizar a seguinte frase, “eu chorei rios de lágrimas quando aquela pessoa partiu”.

De acordo com as definições apresentadas, metáfora nada mais é do que uma figura de linguagem, que usamos para dar sentido a algo, fazendo uso de outras palavras, deixando que o significado fique implícito, e que o leitor e/ou ouvinte, atribua o sentido real cabível a tal metáfora.

Brooks e Warrens (1996, p. 275) quando falam da importância da metáfora na linguagem cotidiana, argumentam que “metáfora tende a acompanhar a expressão de emoções e atitudes”. Seguindo esta ideia, adotamos o uso de músicas para a aprendizagem de metáforas, pois são nas músicas, ou pelo menos na maioria delas, onde podemos perceber uma vasta gama de expressão emocional, depositada por parte de quem as escreve e/ou canta, e também são passadas por essas mesmas músicas mensagens que incentivam as pessoas se posicionarem na vida, tomar alguma atitude, assim como Brooks defendeu (*op. Cit.* p.275).

Portanto as metáforas, trazem consigo muito mais do que um trocadilho de palavras; é possível extrair de algumas metáforas, ensinamentos importantes, lições que devem ser aprendidas e seguidas, pois a metáfora é um ensinamento com palavras trocadas, ou transferidas quanto ao campo semântico. No grego, a palavra metáfora deriva-se de uma palavra que significa “transferir”. Assim, o que pode ser aplicado literalmente em uma

situação, poderá também ser aplicado em outra como uma comparação ou analogia. Para Brooks e Warrens (1996, p.275), “[...] na metáfora, a força e nitidez de detalhes nas palavras tendem a andar juntas, tendo em vista que a linguagem comum pode parecer, às vezes, desgastada e abstrata demais para compreensão”.

As metáforas também trazem consigo muito sentimentalismo, paixão, e afeição em sua estrutura. Assim, fazemos uso dela para melhor expressar o que sentimos, pensamos ou até mesmo para expressar uma ação ou atitude diante de algo. Se tomarmos por exemplos coisas que acontecem no cotidiano das pessoas, veremos o quanto à metáfora contribui para a expressão dos seus sentimentos. Tomemos como exemplo a seguinte situação: num dia muito quente, duas pessoas conhecidas encontram-se na rua e uma fala para outra “hoje o sol está escaldante” ou “o sol hoje está de arrancar a couro”, expressando assim seu sentimento quanto ao clima naquele momento; enquanto que na mesma situação, se o interlocutor do exemplo anterior simplesmente falasse “hoje está muito quente” não teria a mesma força semântica, a mesma carga de emoção e sentimento expressa pelo falante.

Brooks e Warrens (1966, p. 276) ainda mencionam que “[...] se um sentimento é muito especial ou complexo, somos geralmente forçados a recorrer à metáfora”. Além de toda essa transferência de emoções e atitudes que as metáforas propiciam ao seu usuário, ela ainda funciona como um *papel de parede bonito em nosso discurso*, para chamar a atenção de seu interlocutor, e não apenas chamar a atenção, mas manter a atenção da mesma, no que está sendo falado/escrito. Nas palavras de Brooks e Warrens (*op.cit.*, p. 280) “a metáfora fornece uma decoração agradável, como um papel de parede atraente colado na parede ou como uma fita de seda amarrada em torno de uma caixa de bombons”.

Assim, podemos perceber o quanto a metáfora pode acrescentar à nossa comunicação cotidiana, contribuindo para um melhor engajamento sociocultural, permitindo uma forma de comunicação clara e eficaz - revelando nossos sentimentos e atitudes - e mantendo o interlocutor atento ao que lhe é dito.

2.2 A música na sala de aula de língua inglesa

A música é um instrumento de importante utilidade hoje na nossa vida, não se restringindo apenas a função de entretenimento e diversão como quando surgiu. Atualmente, a música vem sendo utilizada por diversos profissionais, com diversos objetivos. Trabalhar a música como *instrumento* (AMIGUES, 2004) de ensino é mais uma das possibilidades que ela nos oferece, pois não é algo tão sistemático como as estratégias padrão de ensino. A música

como um *instrumento* de ensino proporciona ao aluno uma forma diferente de adquirir e consolidar os vocábulos que lhe é ensinado, além de criar um ambiente agradável de forma a fazer os alunos se sentirem relaxados e descontraídos. De acordo com Pereira (2000), coordenadora de Língua Inglesa do projeto educacional Planeta Educação em Caçapava/SP, a música

[...] é uma linguagem universal, usada para a comunicação, inspiração, educação, entretenimento etc. Ela consegue mudar o humor das pessoas (quando estamos tristes, basta ouvirmos uma música alegre; ou quando estamos nervosos ou ansiosos, é só ouvirmos uma música relaxante).

Assim, acreditamos que quando se usa músicas da cultura dos alunos nas aulas de língua inglesa, isso torna o aprendizado mais eficaz ainda. Essas músicas devem tratar de temas que interessem aos alunos, que eles se identificam com os cantores/bandas; enfim, deve haver identificação com as músicas de uma forma geral, e isso motiva os discentes a querer aprender não só o vocabulário proposto a ser ensinado, mas também todo o vocabulário presente na letra da música; eles ficam curiosos e estimulados para saber o tema que a música aborda.

Para Pereira (2000), algumas músicas são divertidas, e quanto mais os professores utilizam essas músicas em suas aulas, mais os alunos se sentem motivados. Dessa forma, os alunos mais tímidos tendem a ter uma maior participação, cantando ou fazendo gestos, enquanto desenvolvem um trabalho em grupo, por exemplo.

Além disso, a música também é um eficaz *instrumento* de ensino de novas culturas, pois os alunos terão contato com a cultura do nativo da língua-alvo, tendo em vista que muitas músicas retratam traços culturais e históricos de países cuja língua inglesa é o idioma oficial.

No entanto, é importante saber que ao utilizar música em sala de aula, um dos grandes problemas enfrentados é o frequente uso de variedades linguísticas que aparecem em tantas músicas. Se o professor não tiver certo cuidado ao escolher a música e identificar esses desvios linguísticos, isso poderá, confundir os alunos, principalmente, aqueles que já possuem um bom conhecimento sobre determinados aspectos da gramática. Portanto, nem toda música é apropriada para ser trabalhada em sala de aula. Mas, sabendo trabalhar bem com a música, os alunos também saberão lidar bem com esses desvios.

Em uma entrevista concedida ao *site* UOL, o professor Igreja⁵ afirmou que a música além de ajudar na internalização do vocabulário e no aprendizado de novos vocábulos, a música também ajuda na internalização correta da pronúncia das palavras. O referido professor ainda acrescenta que “As músicas apresentam com naturalidade todos os aspectos do idioma, como é o caso das figuras de linguagem, *phrasal verbs* (combinações de verbos e preposições que geram significados diferentes) e expressões coloquiais” (TRAMONTINA, 2008).

Assim, podemos ver que o ensino de língua inglesa por meio de músicas muito tem a contribuir, tanto para os professores como para os alunos, sendo os discentes, sem dúvidas, os mais beneficiados com tudo isso. Dessa forma, o aluno desenvolverá suas habilidades linguísticas na LE de forma divertida na sala de aula. Ademais, o discente estará adquirindo muito mais do que simples palavras ou frases, mas adquirindo conhecimento, cultura e interagindo socialmente com o outro, tendo em vista que a música também levará ao aluno a refletir sobre a mensagem que está sendo transmitida.

Por esse motivo, escolhemos para este trabalho as músicas dos *Beatles*, bem como de outros artistas do mesmo estilo musical e da mesma época. Essas músicas são ricas em metáforas, cujas mensagens transmitem emoções e atitudes que foram tomadas por alguém, ou o incentivo a tomar tais decisões. A seguir, apresentaremos uma discussão sobre o papel da música na sala de aula de língua inglesa.

2.3 Um breve olhar sobre a história dos *Beatles*

Antes de se chamar *The Beatles*, nome que faz um trocadilho com *beetles* (besouro) e *beat* (que significa batida ou compasso ritmado), esse grupo musical teve outras denominações: *Johnny and the Moondogs*, *The Silver Beetles*, *The Silver Beats*, *The Silver Beatles* e *Beat Brothers*.

Em 1961, a formação do referido grupo musical era formado por John Lennon, George Harrison, Paul McCartney, Pete Best e Stuart Sutcliffe (que morreu de hemorragia cerebral em 10 de abril de 1961, em Hamburgo, na Alemanha). Com a formação John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Star, que se juntou ao grupo em agosto de 1962, o grupo (*The Fab Four*) gravou o *album single Love Me Do*, lançado em outubro de 1962, pela

⁵ Professor José Roberto A. Igreja é diretor pedagógico da *Dialect English* e autor de seis livros didáticos na área de língua inglesa.

Parlephone (EMI). Brian Epstein, o empresário do grupo, foi quem havia descoberto o grupo, um ano antes, vendo-os tocar num *pub* (bar de estilo inglês) chamado *Cavern*.

A banda Inglesa *The Beatles* era formada por quatro jovens da cidade de Liverpool. No final da década de 50, John Lennon, que já havia montado uma banda com colegas de escola (*The Quarrymen*), convidou Paul McCartney para integrar-se ao grupo. Anos depois, Paul McCartney convidou seu amigo de escola e guitarrista, George Harrison, enquanto John convidou seu amigo Stu Sutcliffe para tocar baixo. O grupo *The Beatles*, que foi um dos maiores fenômenos da música popular mundial, arrebanhou milhões de fãs de todas as idades em todo o mundo e, ainda hoje, anos após a extinção do grupo, continua sendo tocado no mundo inteiro, vendendo discos e fazendo novos fãs.

Em relação à discografia (Ver anexo A), os *Beatles*, com esta formação, gravaram seu primeiro disco - o compacto *Love me Do* - em 1962, e o último disco foi gravado em 1970, *Let it Be*. Em apenas oito anos (de 1962 a 1970), os *Beatles* mudaram para sempre a face do *Rock and Roll*, criando uma linguagem musical única e influenciando o comportamento da juventude de sua época, como ninguém fez até hoje. Esse fenômeno comportamental da década de 60 foi chamado de “Beatlemania”.

Tanta fama, milhões e milhões de fãs espalhados por todo mundo eram frutos de seus trabalhos bem elaborados, letras de músicas bem escritas e aperfeiçoadas constantemente, e que segundo o escritor Davies⁶, “[...] quando chegavam as gravadoras, os rapazes (os *Beatles*) já as conheciam de cor e salteado” (DAVIES, 1968, p.432).

As músicas dos *Beatles* eram ouvidas em todos os lugares, tinham fãs espalhados por todo mundo, multidões os seguiam; além de tudo isso ainda tinha o respeito de seu público, sendo considerados como profissionais respeitados, amados e idolatrados por multidões. Por isso mesmo que depois de mais de 30 anos da divisão do grupo, as vendas dos discos dos *Beatles* continuam de forma acelerada. Muitas de suas músicas, retratavam experiências e sentimentos dos integrantes do grupo. Vejamos dois exemplos dessas músicas.

A música *Don't let me down* (Ver Anexo B), também composta por Paul MacCartney e John Lennon, no *single Get Back* em 1969, segundo Richie Unterberger, retrata a paixão de John Lennon pela sua namorada que, mais tarde, veio a se tornar sua esposa, Yoko Ono. Apesar de exaltar essa paixão, há uma sensação de incerteza, por parte de Lennon, como sugere o referido autor:

⁶ Hunter Davies é escritor britânico, autor da única biografia autorizada dos Beatles nos anos de 1960.

Os versos costumam exaltar a paixão de um romance delicioso, motivado pelo início do longo relacionamento de Lennon com sua futura mulher Yoko Ono. No entanto, também há um verso que vai para uma melodia e ritmo diferentes 'vigoroso'. Apesar de suas afirmações que o narrador está apaixonado pela primeira vez com um amor que vai durar para sempre, há uma ligeira sensação subjacente de ansiedade e incerteza, como se o cantor suspeitasse que está sendo bom demais para ser verdade (UNTERBERGER, 2011).

Outra música dos Beatles que destacamos chama-se “*oh Darling* (Ver Anexo C)”, escrita por Paul McCartney e John Lennon, gravado no álbum *Abbey Road* no ano de 1969. A música passa “uma sensação de pastiche, afetuoso, quase irônico, como se o compositor Paul McCartney estivesse sendo ao mesmo tempo ferozmente apaixonado e vagamente satírico” (UNTERBERGER, 2011).

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, apresentamos o tipo de pesquisa realizada bem como o contexto sociointeracional no qual este estudo foi realizado. Por fim, mostramos os instrumentos utilizados para coleta de dados.

Este trabalho consiste uma pesquisa-ação de natureza qualitativa, tendo em vista que houve uma dinamicidade entre o mundo real e o objeto de estudo, onde o objetivo do estudo e a subjetividade dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa não puderam ser traduzidos em números (GIL, 1999).

A pesquisa foi realizada no Programa de extensão em Língua Estrangeiras, oferecido à comunidade acadêmica e a população em geral, pelo Departamento de Letras e Artes (DLA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), situada na cidade de Campina Grande. O curso de extensão é oferecido no prédio do próprio DLA, onde são disponibilizadas algumas das salas de aulas para realização das aulas. Além do curso em língua inglesa, que abrange os níveis básicos e intermediários, também é oferecido, pelo mesmo programa, o curso em língua espanhola.

O curso de extensão em língua inglesa é oferecido nos seguintes dias da semana: das terças-feiras às sextas-feiras, no turno vespertino, das 14h às 17h, sendo este horário dividido para duas turmas, e cada turma tem dois encontros semanais, com 1:30min (uma hora e meia) cada. Para desenvolvimento das aulas, o DLA - juntamente com o Programa de Extensão em Línguas Estrangeiras - disponibiliza para os professores do programa equipamentos de multimídia como TV, DVD e *micro-system*, além de ceder outros materiais didáticos como canetas para quadro branco, diários de frequência.

O presente estudo foi realizado no período de outubro à novembro de 2011 com alunos das turmas de Língua Inglesa do nível básico II, que funcionavam respectivamente nas terças e quintas das 14:00h às 15:30h (turma A)e, das 15:30h às 17:00h (turma B). As duas turmas possuem trinta e três alunos, sendo dezesseis alunos na turma A onde seis são homens e dez são mulheres, e dezessete alunos na turma B, onde três são homens e catorze são mulheres. A faixa etária dos alunos varia entre dezoito à cinquenta e cinco anos.

Os referidos alunos, em sua maioria, já têm formação acadêmica, e outros estão em processo de formação, não tiveram nenhuma outra experiência com a língua inglesa, a não ser na fase estudantil do Ensino Fundamental e Médio. Entre todos eles, apenas seis são estudantes do curso de Letras, quatro deles da habilitação em Língua Inglesa, os outros dois já concluíram a licenciatura em Língua Portuguesa. Os demais são de diversas áreas como

Ciências Biológicas, Ciências Agrárias, Engenharia, Saúde, Administração, Direito, entre outras.

Em virtude do tempo e da extensão da presente pesquisa, entre os alunos pesquisados, foram selecionados três participantes. A escolha desses informantes se deu, tendo em vista os seguintes motivos: i) as três informantes selecionadas são estudantes do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, e serão aqui identificadas por pseudônimos, quais sejam: Aline, Bruna e Carla, preservando, por questões éticas, a identidade das participantes (CELANI, 2009); ii) as três alunas apresentam, aproximadamente, o mesmo tempo de estudo da língua inglesa, que compreende um período entre 7 a 12 meses de estudos contínuos, na modalidade específica de curso de idiomas e do tempo estudado durante o ensino regular.

O *corpus* desse estudo foi gerado a partir das informações relativas a dois questionários abertos - que se constituem como instrumentos de coleta de nossos dados - respondidas pelas participantes sobre o ensino/aprendizagem de vocabulário, focalizando as metáforas (Apêndices).

O questionário 1 (ver Apêndice B), que tratava de vocabulário, é constituído de doze perguntas: as três primeiras questões visam identificar as expectativas dos alunos quanto ao estudo da língua inglesa, e conhecer como se deu o interesse desses discentes pela LE. Nas questões de 4 à 9, tínhamos como propósito mapear a concepção dos participantes sobre vocabulário, sua aprendizagem e sua importância, bem como verificar de que maneira e com que frequência os participantes estudavam vocabulário dentro e/ou fora da sala de aula. As questões 10 e 11 visavam saber dos alunos, como o professor deles, autor desta pesquisa, ensinava o vocabulário na sala de aula de língua inglesa, e se essa forma de ensino atendia a expectativa do aluno. Por fim, a questão 12, permitia aos alunos apresentarem sugestões de atividades de vocabulário a serem implementadas nas aulas de língua inglesa.

O questionário 2 (ver Apêndice C) que abordava as figuras de linguagem, é constituído de 8 (oito) perguntas, sendo que as questões 1 e 2 buscam identificar a concepção dos alunos em relação às figuras de linguagem. As questões 3 e 4 constituem-se de duas colunas com verbetes, onde os alunos teriam que associar as frases/expressões com a figura de linguagem correspondente. No item 5 solicitamos que os discentes identifiquem as metáforas. A questão 6 diz respeito à tradução e explicação dos títulos das músicas, os quais são constituídos de metáforas. Na questão 7, os discentes foram solicitados a opinar sobre o tipo de música que eles consideravam favoráveis para a aprendizagem de figuras de linguagem em língua inglesa. Por último, na questão 8 (oito), também referente à música, buscamos saber

dos alunos se eles consideravam a utilização de música um *instrumento* favorável na aprendizagem de figuras de linguagem.

Visando responder os questionamentos levantados na parte introdutória desse trabalho, apresentamos, a seguir, a análise de nossos dados.

4. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DE VOCABULÁRIO

Nesta seção, apresentamos a visão das participantes sobre o ensino/aprendizagem de vocabulário. Assim, identificamos o que eles entendem por vocabulário, sua importância para o aprendizado da língua inglesa, além da frequência com que essas participantes estudam vocabulário. Por fim, apresentamos uma proposta que engloba diferentes atividades de ensino de vocabulário desenvolvidas em um curso de extensão de língua inglesa, focalizando as metáforas inscritas nas músicas dos Beatles.

4.1 O ensino/aprendizagem de vocabulário na perspectiva das alunas

A visão dos alunos sobre o ensino/aprendizagem de vocabulário pode variar muito de pessoa para pessoa; uns definem como sendo um conjunto de palavras, outros como uma parte de uma língua e, assim, as definições são muitas.

Ao analisarmos o discurso das alunas selecionadas, buscamos assim, entender qual a visão que estas tinham sobre o ensino/aprendizagem de vocabulário, constatamos que: em relação ao estudo do idioma, Aline afirma que o seu maior interesse em estudar inglês se justifica pelo desejo de aprofundar seus conhecimentos neste idioma, visando assim, aplicar tais conhecimentos em sala de aula, como ilustra o trecho a seguir: *“Eu sempre gostei de inglês e decidi aprofundar os meus conhecimentos acerca dessa língua, para aplicá-los em sala de aula”*. Bruna justifica-se enfatizando o papel que a língua exerce no mundo globalizado. Para ela, o conhecimento de inglês é necessário, principalmente para quem deseja ingressar no mercado de trabalho, conforme atesta o seguinte trecho: *“Pela importância global que essa língua tem, sendo necessário seu conhecimento para vários aspectos, principalmente pra quem deseja se destacar no mercado de trabalho”*. Carla compartilha com a opinião de Bruna e acrescenta que, por estarmos vivenciando uma era na qual o avanço tecnológico e digital tem crescido consideravelmente, o domínio dessa língua é essencial para inclusão digital, como mostra o trecho subsequente: *“Pela concorrência do mercado de trabalho. E porque também estamos em plena era digital e globalizada em que o inglês virou, (sic) destaque na linguagem tecnológica atual e nós como usuários da língua temos que nos adequar a essa realidade”*.

No que concerne ao que é fundamental para se aprender a língua inglesa, Aline defende que as quatro habilidades linguísticas, a saber, *a compreensão escrita* (leitura), *produção oral* (fala), *produção escrita* (escrita) e *compreensão oral* (escuta), são de essencial

importância, e acrescenta a isso, o ensino de vocabulário e estrutura gramatical da língua (BRASIL, 1998, 1999). O trecho a seguir ilustra isso: “*É de fundamental importância o desenvolvimento das quatro habilidades: reading, writing, listening e speaking e a aprendizagem de vocabulário e da gramática da língua*”. Bruna apenas menciona como sendo importante a estrutura gramatical da língua, bem como seu vocabulário; contudo, acredita que o uso de diferentes *ferramentas* ou abordagens didáticas para realização do estudo de vocabulário é necessário, além das orientações inscritas no livro didático, como atesta o seguinte trecho: “*A gramática em si e o vocabulário, mas através de várias ferramentas didáticas e não apenas o livro*”. Divergindo de Aline e de Bruna, Carla diz que o ensino de vocabulário deve ocorrer no contexto de produção, isso facilitará no momento da utilização pelo falante não nativo, conforme mostra o seguinte trecho: “*O contexto de produção e o tipo de vocábulo utilizado nele. Assim quem não é nativo da língua inglesa saberá mais ou menos utilizá-la caso precise*”.

De modo geral, percebemos que, para a participante Aline, o vocabulário é concebido como “*um conjunto de vocábulos, ou seja, palavras de uma determinada língua*”, e que a aprendizagem deste, “*é o processo pelo qual o estudante adquire conhecimento de várias palavras necessárias para o desenvolvimento de textos escritos, discursivos e suas respectivas compreensões*”. De acordo com o discurso dessa participante, é possível afirmar que o ensino/aprendizagem de vocabulário, ocorre de forma indireta, mas não fora da mesma lógica, o que vai de encontro com a afirmação de Rodrigues (2007, p. 27-28) quando este postula que, “[...] a falta de compreensão contextual de uma palavra isolada pode vir a atrapalhar o ensino do vocabulário”.

Bruna diferentemente de Aline, concebe o vocabulário como sendo “*significado das palavras*”. Para ela, aprender vocabulário é “*conhecer os vários sentidos que uma palavra possui*”. Isso também confirma o que Rodrigues (2007) assevera, quando ele menciona a questão do ensino fora de seu contexto. Para esse autor, portanto, quando possuímos o conhecimento do contexto de cada nova palavra aprendida, a compreensão se dá de forma muito mais eficaz, do que quando esta está isolada. Quanto a Carla, esta entende vocabulário, como “*um grupo de termos que correspondem a um determinado contexto de produção de uma língua*”, e que a aprendizagem deste, “*é o meio pelo qual o usuário adota para ter conhecimento da sua significação*”, diferenciando-se assim, do que foi exposto pelas participantes Aline e Bruna.

A visão que construímos sobre vocabulário é muito importante, e acredito que esta visão dependerá muito do quão importante vocabulário é para o aprendizado de uma LE.

Apoiado em tal crença, questionamos os participantes sobre o grau de importância que tem para eles o estudo de vocabulário em língua estrangeira, se eles fazem um estudo pessoal de vocabulário, de que forma e com qual frequência este estudo se dá.

Segundo o que foi relatado por Aline, a aprendizagem de vocabulário é muito importante porque ele é “*um recurso fundamental*”, e quanto mais vocabulário se aprende em uma LE, “*mais amplo será seu universo lingüístico e sua capacidade de discussão sobre os diversos temas*”. O discurso de Aline é consoante com a ideia de Lewis (1993), ao mencionar que pesquisas apontam o vocabulário como sendo o centro da aprendizagem de uma língua. Aline esclarece que quando se depara em seus estudos com alguma palavra estranha, ela busca seu significado no dicionário. Ela faz uma lista de palavras desconhecidas e das palavras mais recorrentes na língua inglesa, em ordem alfabética. A participante em questão também acrescenta em suas respostas que, sempre que tem um tempo livre para estudar vocabulário em LE ela estuda, além dos momentos pedidos pelo professor por meio das atividades que este solicita à turma. Ela conclui que, “*o estudo de vocabulário (...) é importante na aprendizagem da língua inglesa*”, tendo em vista que, “*esta é complexa e o significado das palavras dependerá do contexto em que esta esteja inserida*”, isto reforça a idéia de Rodrigues quando ele trata sobre a polissemia das palavras em língua inglesa (RODRIGUES, 2007, p.27-28).

Quanto à Bruna, ela defende que é importante estudar vocabulário, pois este facilita a construção de sentenças e serve para “*melhorar o processo de comunicação*”, tendo em vista que, esse é o motivo principal para o aluno aprender uma língua estrangeira. Isto é, o aluno de LE tem como objetivo estar apto a se comunicar com outros (nativos e/ou não-nativos) na LE. Sendo assim, a participação do aluno neste processo de ensino/aprendizagem de vocabulário se torna indispensável para atingir seu objetivo, confirmando o que Hutchinson e Waters (1987) já afirmaram (*op. Cit. p.51*). Consoante com Aline, Bruna afirma fazer estudo de vocabulário fora de sala de aula, por meio de consulta ao dicionário, bem como o uso de outras *ferramentas*, as quais ela não menciona. A participante Bruna, contudo, afirma que sempre busca compreender o significado dentro do contexto no qual o vocábulo está sendo estudado. Da mesma forma, Bruna também se utiliza de lista de vocabulário para lhe auxiliar na internalização de novos vocábulos. Desse modo, ela coloca o novo vocabulário em um lado da página, e do outro o seu (s) respectivo (s) significado (s). Bruna conclui dizendo que faz estudo de vocabulário de acordo com as atividades propostas pelo professor em sala de aula, ou por meio de atividade no livro didático, e que é importante a aprendizagem de vocabulário em língua inglesa, porque sem conhecer bem o vocabulário em todas as suas

esferas, torna-se “*impossível dominar a língua, seja qual for esta língua*”. Isso se alinha ao que Silveira (1999) afirmou sobre o domínio da língua e seus níveis e registros de usos (cf. p.102)

Carla utiliza um exemplo mais prático para demonstrar a relevância da aprendizagem de vocabulário - não só para ela, mas para todos que necessitam aprender uma LE. Ela nos leva a refletir e/ou imaginar como se estivéssemos em plena copa do mundo, e um grupo de estrangeiros chegasse até nós, e não soubéssemos nos comunicar de forma adequada com estes, seria um total desastre, explica Carla. Por esse simples, mas prático exemplo, e tão próximo da nossa realidade, Carla confirma que aprender vocabulário em língua inglesa, “*é de extrema necessidade*”. Da mesma forma que as duas participantes citadas acima, Carla também faz estudo de vocabulário, não apenas por meio de uma lista de vocabulário desconhecido e do livro didático, já que ela julga este último insuficiente para o aprendizado. Assim, a participante também faz uso de músicas como outra *ferramenta* de estudo para a aprendizagem de vocabulário, destacando, principalmente, músicas da década 50. Ela alinha-se a Pereira (2000) ao afirmar que a música é uma ferramenta poderosa de aprendizagem de vocabulário por possuir uma linguagem universal, usada para vários fins: comunicação, educação, entretenimento, etc. Assim, para Carla, o estudo de vocabulário se dá a partir da elaboração de listas de vocábulos incompreendidos por ela; assim, ela busca seu (s) significado (s) no dicionário, e chama atenção para o fato de que, ela não espera apenas o professor pedir para ela fazer alguma atividade sobre vocabulário, mas busca estudar nos intervalos de uma aula para outra, bem como já foi mencionado, por meio das músicas da década de 50.

Em relação à Aline, ela reforça o que, inicialmente, mencionou sobre a aprendizagem de vocabulário, usando o exemplo da copa do mundo de futebol. Aline explica que essa aprendizagem se faz necessário, não apenas pelo ato comunicativo, mas também, pelo fato de não sermos falantes nativos da língua inglesa.

4.2 A abordagem de ensino de vocabulário adotada pelo professor de língua inglesa na visão das alunas

A abordagem que é utilizada pelo professor de língua inglesa, ou de qualquer outra língua estrangeira pode influenciar no aprendizado do aluno, e pode ser a grande diferença no aprendizado e internalização de novos vocábulos. Por isso, cada professor deve procurar conhecer bem seus alunos, quais as suas expectativas, facilidades e dificuldades no

aprendizado de uma LE. Tendo em mente todas essas considerações, apresentamos, a seguir, um panorama sobre o ensino de vocabulário adotado pelo professor de língua inglesa na perspectiva dos participantes.

Aline, ao responder a pergunta sobre a forma como o professor ensina vocabulário, diz que ele focaliza o ensino, tendo como base ou foco, as quatro habilidades que devem ser desenvolvidas, a saber: a compreensão oral (*listening*), a produção oral (*speaking*), a compreensão escrita (*reading*), e produção escrita (*writing*). E acrescenta, de forma descritiva o que acontece no momento de algumas atividades dizendo que “*ele [o professor] pede para que façamos uma leitura silenciosa do texto, depois para que pratiquemos a conversação com um ou mais colegas, posteriormente, ouvimos o diálogo/texto no aparelho de som, em seguida ele realiza uma leitura do texto em voz alta, pergunta se há algum vocabulário desconhecido, e se houver ele esclarece as dúvidas; por fim, ele pede para discorrermos em inglês acerca do assunto tratado no texto*”.

Desse modo, percebemos que o professor busca envolver o aluno no discurso um do outro por meio da conversação da língua estrangeira, alinhando-se à proposta dos PCN-LE que defende que “a aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso” (BRASIL, 1998, p.19).

Diferentemente de Aline, Bruna afirma que o professor às vezes menciona o significado de algumas palavras, traduzindo de forma direta o significado, mas os alunos geralmente precisam perguntar pelo significado de determinados vocábulos. Ela justifica sua resposta dizendo que pelo fato do professor falar muitas frases em inglês, os alunos, muitas vezes, não entendem. Assim, podemos perceber que o professor realmente estava preocupado com o aprendizado do vocabulário por parte dos alunos, mas talvez para a aluna, ele pode ter ficado desatento quanto à participação destes nesse processo, e tenha se mantido preso ao conteúdo do livro didático. Isso nos leva a crer que o professor utiliza de técnicas subjacentes a abordagem indireta de ensino de vocabulário (ZILLES, 2007). Para este autor, o uso da abordagem indireta se dá principalmente quando o professor “não chama a atenção para as palavras-alvo” que se deseja ensinar ao aluno, ou quando apenas chama a atenção deste para o significado da palavra naquele determinado “contexto” explícito no texto em questão.

Quanto à participante Carla, ela relata de forma simples e sucinta que o professor ensina vocabulário “*através de textos, exercícios de compreensão*” e que também utiliza a parte de gramática, bem como por meio de exercícios orais, em forma de diálogos na sala de aula, a fim de promover a interação e a prática do idioma estudado. Isso mostra uma relação

de novo com o que Hutchinson e Waters (1987, p. 51) afirmam sobre a necessidade da participação do aluno no processo de aprendizagem e aquisição do vocabulário.

Quando foi perguntada sobre a maneira pela qual o professor ensinava vocabulário, Aline respondeu que a abordagem adotada pelo docente era: “*Satisfatória com certeza*”, e justificou sua resposta: “*Ele [o professor] consegue fazer com que trabalhem as quatro habilidades. E ao indagarmos o professor sobre determinadas palavras desconhecidas no nosso léxico, ele explica que aquele vocabulário não possui um único sentido e que naquele contexto ele significa algo, porém, em outro pode significar algo totalmente diferente*”. Essa afirmação de Aline mostra que o professor está bem preparado para se deparar com situações como as que Rodrigues (2007, p.27-28) explicita em um de seus trabalhos, quando esse autor aponta para a polissemia de algumas palavras da língua inglesa. Aline conclui sua afirmação dizendo que o fato do professor saber distinguir essa polissemia, é muito bom, pois ajuda aos alunos a não ficarem presos a um único significado da palavra, e, conseqüentemente, contribui para o uso adequado de certas palavras em determinados contextos.

Diferentemente, a aluna Bruna discorda de Aline, e considera insatisfatória a forma como o professor ensina o vocabulário para a turma. Sua justificativa se dá pelo fato de que, segundo ela, o professor deveria repetir em língua materna, ou seja, em português, tudo o que ele falasse em língua inglesa, e que, além disso, ela acha que ele deveria promover mais atividades dinâmicas que estimulassem o aprendizado por meio de outras *ferramentas* além do livro. De acordo com Bruna, podemos então afirmar que, o professor fica preso ao material didático, dificultando, assim, o aprendizado de novos vocábulos. Este fato aponta para o que postula Rodrigues (2007), ao mencionar que uma das características que pode atrapalhar nesse ensino/aprendizagem de vocabulário “[...] é o fato de o professor ficar preso ao conteúdo do livro didático, não buscando integrar o vocabulário ao contexto do aluno ou com o qual ele está trabalhando”. (*op.cit.*, p.27). Mais uma vez, isso reforça a ideia de Amigues (2004) ao defender que o trabalho do professor é uma atividade que requer o uso de variadas *ferramentas*.

Em resposta a mesma pergunta, Carla afirmou que é satisfatória a forma como o professor ensina o vocabulário na turma, apesar de suas limitações, como mostra o trecho a seguir: “*apesar de não compreendê-lo [o professor] em alguns momentos em sala [...], pois, o meu estudo de vocabulário ainda é insuficiente, no que se refere ao professor, há um grande esforço, logo se torna satisfatório*”. Logo, confirmamos a ideia de Jacobs (1999) sobre a necessidade de exposição à língua-alvo a qual o aluno se propõe aprender, que, para o

referido autor, *é necessário aproximadamente 1.200 horas de exposição à língua, para se alcançar um nível intermediário.*

Diante do que foi exposto, tendo como base as declarações feitas pelas 3 (três) alunas participantes dessa pesquisa, podemos perceber que o professor se apoiou nas duas abordagens de ensino de vocabulário, a saber, a abordagem direta e indireta. Podemos ver a abordagem direta sendo utilizada pelo professor em suas aulas quando a aluna Aline declara que *“ao indagarmos o professor sobre determinadas palavras desconhecidas no nosso léxico, ele explica que aquele vocabulário não possui um único sentido e que naquele contexto ele significa algo, porém, em outro pode significar algo totalmente diferente”*, ou seja, além do professor explicar o vocabulário da forma como é exposto no livro-texto, ele também explicita suas outras formas de usos, inserido em outros contextos discursivos (ZILLES, 2007).

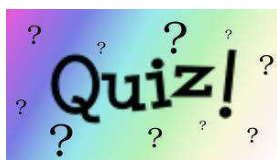
Quanto às técnicas utilizadas pelo professor, também podemos constatar o discurso de Bruna que se refere à abordagem direta, já que o professor atenta apenas para o vocabulário e as atividades que o livro propõe, não buscando envolver os alunos de forma direta na aula, logo, diminuindo assim, as possibilidades de um avanço mais eficaz e rápido no aprendizado. Assim, a aluna sugere que este docente deveria utilizar-se de outras *ferramentas* para estimular o aprendizado dos alunos, e não ficar tão preso ao livro didático.

A partir da análise realizada, percebemos que as abordagens de ensino de vocabulário influenciam e muito, não só no aprendizado do aluno, mas na forma como esses discentes se apropriam de tais informações, as internaliza e as colocam em prática no seu cotidiano. Desse modo, faz-se necessário rever as maneiras como se é ensinado vocabulário nas salas de aulas de língua inglesa. Para isso, é preciso refletir e planejar estratégias que sejam subjacentes as duas abordagens (direta e indireta) de ensino de vocabulário, uma vez que a integração desses dois tipos de abordagens possibilita melhores resultados por atingir alunos de diferentes estilos de aprendizagem.

4.3 Uma proposta de ensino/aprendizagem de vocabulário nas aulas de língua inglesa em cursos de extensão

A presente proposta foi desenvolvida com sucesso no programa de extensão em língua inglesa, nas turmas A e B respectivamente durante o segundo semestre do ano de 2011. As aulas dessas turmas consistiram em dois encontros semanais com duração de 1 hora e 30 minutos, cada um. Vale lembrar os planos dessas aulas aparecem nos Apêndices desse

trabalho. Dentre as aulas ministradas, cujo foco era o ensino de vocabulário, centramo-nos em duas aulas visto que as três participantes dessa pesquisa estavam presentes. Para melhor visualização, essas aulas foram organizadas em dois encontros. Vejamos:



➤ Encontro A

- Data: 22 de setembro de 2011.
- Tempo da aula: aproximadamente 1 hora e 30 minutos
- Tema da aula: advérbios de frequência.
- Foco da aula: compreensão oral (*listening*) e produção oral (*speaking*), utilizando os advérbios de frequência.
- Materiais usados na aula: Caneta e/ou lápis; Quadro branco e marcador; Livro, CD Palyer, CD.
- Procedimentos da aula:
 - ✓ Pedir para os alunos abrirem o livro na página 44.
 - ✓ Tocar o áudio do CD para que os alunos respondam o exercício da página.
 - ✓ Corrigir o exercício coletivamente, verificando a compreensão dos alunos em conseguir ouvir a resposta correta.
 - ✓ Solicitar que os estudantes criem um *Quiz* baseado no do livro.
 - ✓ Pedir para que os discentes procurem outros colegas na sala de aula e façam as perguntas que criaram em inglês e o outro aluno terá que também responder em inglês.
 - ✓ Solicitar que os alunos respondam a segunda parte do exercício na página 44.
 - ✓ Pedir para os discentes responderem a segunda parte do exercício na página 47.
 - ✓ Tocar o áudio do CD para que os alunos respondam o exercício da página sobre TV Shows.
 - ✓ Fazer a correção do exercício coletivamente.
 - ✓ Promover uma conversa interativa entre os alunos, fazendo com que eles utilizem todo o conteúdo gramatical, bem como o de vocabulário visto em sala, nas aulas anteriores.

Esta era a segunda aula sobre este assunto e centrava-se nas atividades de escuta e de fala. Depois de fazer a atividade proposta pelo livro (um *Quiz!*), foi proposta uma atividade extra, visando à interação dos discentes. Pedimos que os alunos elaborassem um conjunto de perguntas e fossem até outros colegas fazerem o *Quiz*; eles teriam que perguntar e responder todas as questões em inglês. A atividade durou entre 15 e 20 minutos, mas foi muito boa, porque todos estavam se esforçando para manter a conversa em inglês o tempo todo. Além de ser perceptível a interação dos alunos na atividade ora descrita, o que também nos chamou atenção foi a empolgação com que os discentes participavam e a forma como se sentiam ao se comunicarem uns com os outros na língua-alvo, ao serem compreendidos por seus colegas e ao mesmo tempo compreendendo-os.

Nessa aula, uma lição importante que fica para a reflexão de professores bem como de alunos é que a interação do aluno na apropriação de vocábulos em uma língua estrangeira é de extrema relevância. As aulas de língua inglesa - centradas no ensino/aprendizagem de vocabulário, no nosso caso - devem visar à interação dos alunos, proporcionando a eles, atividades dinâmicas que os guiem e façam com que eles sejam expostos a língua, não só como ouvinte, mas como falantes, conforme defendem Hutchinson e Waters (1987).



➤ **Encontro B**

- Data: 27 de outubro de 2011
- Tempo da aula: aproximadamente 1 hora e 30 minutos
- Tema da aula: *Countries and Nationalities* (Países e Nacionalidades)
- Foco da aula: reconhecer bandeiras de diferentes países, citando seus respectivos nomes, a nacionalidade e capital da mesma na língua alvo (Língua Inglesa)
- Materiais usados na aula: Laptop (do professor), caneta e/ou lápis; Quadro branco e marcador; CD Player e CD.
- Procedimentos da aula
 - ✓ Apresentar um *slide* com várias bandeiras de países, pedindo para que os alunos repitam o nome dos países que serão apresentados, bem como a nacionalidade e capital da mesma;
 - ✓ Expor novamente o slide, pedindo para que os alunos tentem falar e lembrar o nome das imagens, que já foram apresentadas anteriormente.

- ✓ Explanar e explicar a estrutura necessária para quando o aluno quiser saber de que lugar alguma pessoa é, ou quando ele quiser se apresentar dizendo de onde ele é;
- ✓ Solicitar que os alunos procurem outros e pratiquem a mesma estrutura.
- ✓ Pedir para que os alunos respondam o exercício proposto no livro didático.

Até então, o ensino de vocabulário tinha sido ensinado apenas usando ilustrações, ou atividades orais e práticas provenientes do livro didático. Assim, utilizamos outra ferramenta, usar a tecnologia a favor do professor e dos alunos. Esta aula foi muito interessante, porque conseguimos perceber a capacidade de memorização dos alunos, através de uma aula utilizando técnicas do método audiovisual. O conteúdo da aula foi sobre vocabulário de países, nacionalidades e capitais. Fizemos uma apresentação em forma de *slides*, contendo bandeiras de vários países com seus respectivos nomes, capitais e nacionalidades.

Iniciamos a aula com uma conversa sobre o tema e, em seguida, expomos os *slides*; à medida que os *slides* eram mostrados, os alunos repetiam com o professor os nomes dos países, nacionalidades e capitais respectivamente. Ao final, depois de já ter sido mostrado para eles todos os *slides* e explicado as estruturas linguísticas (para saber de onde alguém era ou passar tal informação para outra pessoa) os *slides* foram apresentados novamente, mas desta vez, os alunos teriam que relembrar os conteúdos de slides e seus respectivos dados, sozinhos, a partir da indicação de participação dada pelo professor. Surpreendentemente, eles conseguiram lembrar 99% dos vocábulos relativos aos *slides* apresentados, bem como a pronúncia correta dos novos vocábulos. Em seguida, foi feito um momento de interação com eles: os discentes teriam que praticar a estrutura apresentada anteriormente para informar sobre a nacionalidade/país de um de seus colegas, fingindo ser de países diferentes - como se estivessem todas em um grande evento internacional, sendo que cada um deles era um representante de cada país.

Analisando esta aula, percebemos que os alunos são, na sua grande maioria, alunos com facilidade em apropriar-se de novos vocábulos apresentados por meio de ilustrações. Assim, é possível afirmar que esses discentes aprendem por meio de estratégias subjacentes ao método-visual (SILVEIRA, 1999). Percebe-se o quanto a imagem facilitou o aprendizado de um novo vocabulário para eles, e mostra que - apesar de ser um pouco trabalhoso ter que pesquisar imagens, montar *slides*, e ter que levar um computador até a sala de aula, no caso do curso não dispor desse equipamento - todo esse esforço não foi em vão nem para o professor, muito menos para seus alunos. Ensinar vocabulário através de recursos midiáticos deixou os

alunos mais interessados em participar efetivamente da aula. Pode até ser fácil trabalhar com métodos tradicionais, mas nem todo aluno tem o mesmo estilo de aprendizagem. As pessoas não são iguais no que concerne ao aprendizado de uma LE, e por isso, faz-se necessário o uso de variados *instrumentos* para facilitar e tornar mais eficaz o processo de ensino/aprendizagem. Esse fato nos faz lembrar o que Rodrigues (2007) já havia mencionado sobre o professor ficar preso apenas ao conteúdo apresentado pelo livro didático do aluno, já que essa postura pode atrapalhar o processo de ensino/aprendizagem de vocabulário de LE. O referido autor sinaliza, portanto, para a necessidade do professor buscar integrar o vocabulário ao contexto do aluno ou a situação com a qual o docente esteja trabalhando.

A sociedade evolui a cada dia, e nós, profissionais da educação, devemos evoluir também ao utilizar variadas técnicas relativas aos métodos de ensino de LE. Não é porque aprendemos de uma forma que nossos alunos aprenderão do mesmo jeito, temos que ter bons olhos e mentes abertas para ver a diversidade na forma de aprendizado de nossos alunos, e tentar adequar as atividades (de ensino) propostas ao contexto mais próximo do aluno, visando, desenvolver - com maior facilidade, eficiência e eficácia - a aprendizagem destes discentes, não só no que diz respeito ao vocabulário, mas no que concerne todos os aspectos linguístico-discursivos relacionados à LE.

4.3.1 Um olhar sobre o ensino/aprendizagem de metáforas presentes nas músicas dos *Beatles*

Essa proposta, assim como a mencionada anteriormente acima, também foi desenvolvida no programa de extensão em Língua Inglesa, e dentre os encontros realizados, centramo-nos a seguir na descrição de duas aulas (dois encontros) sobre o ensino/aprendizagem de metáforas presentes nas músicas dos *Beatles*. Vejamos como ocorreram essas aulas:



➤ ENCONTRO C

- Data: 20 de outubro de 2011.
- Tema da aula: metáforas

Música: Oh! Darling! (*The Beatles*)

- Foco da aula: Interpretar a música apresentada observando a presença da seguinte figura de linguagem “metáfora”.
- Materiais usados na aula: Letra da música (cópias); caneta e/ou lápis; Quadro branco e marcador; CD Player e CD.
- Tempo da aula: aproximadamente 1 hora e 30 minutos
- Procedimentos da aula
- ✓ Indagar os alunos se eles conhecem alguma música internacional dos Beatles?
- ✓ Questionar se sabem o que a letra da música diz?
 - ✓ Perguntar se conhecem alguma música que apresente alguma figura de linguagem em sua letra; os tipos de figuras de linguagens que eles identificam mais nas músicas; como eles sabem que se trata de uma figura de linguagem?
- ✓ Explicar o que é metáfora e exemplificar, com exemplos no quadro.
- ✓ Apresentar a música aos alunos e pedir para que leiam a mesma em silêncio;
- ✓ Tocar a música uma vez, e perguntar aos alunos se eles sabem sobre o que a música está falando;
- ✓ Tocar a música novamente e pedir para que os alunos tentem identificar a/as metáforas existentes na mesma;
- ✓ Explicar o vocabulário desconhecido pelos alunos;

Esta aula foi direcionada para trabalhar as metáforas através da música (*Oh, Darling!*) dos *Beatles*. Como forma de introduzir a atividade, foi discutido, de forma breve, os contextos (histórico e sociocultural) no qual a banda dos *Beatles* estava inserida. Alguns alunos se mostraram muito interessados e empolgados com esse momento da atividade.

A maioria dos discentes já conhecia a música que foi proposta para a atividade, o que foi muito bom. No final da atividade - antes mesmo do professor falar todas as metáforas presentes na música - os alunos apontaram-nas sem a interferência do professor, só houve uma das metáforas que os alunos não perceberam.

Analisando esta aula, percebe-se que a música, além de ser uma forma de entretenimento, é uma forte aliada para o aprendizado de novos vocábulos, já que o aluno aprende de maneira tão descontraída, que às vezes nem percebe que está aprendendo, pois ele acaba se envolvendo com a música, como afirmam Brooks e Warrens (1966). Apesar de ser o aprendizado de figuras de linguagem, metáfora, não tão simples de aprender e de perceber em outro idioma, já que os discentes foram capazes de identificar, sem a intervenção do professor, tais metáforas na música trabalhada. Acreditamos que os alunos fizeram uso de

estratégias de leitura, dentre elas, conhecimento prévio, palavras-chave e *skimming* para fazer inferências sobre os significados dos novos vocábulos.

➤ **ENCONTRO D**

- Data: 17 de Novembro de 2011.
- Tema da aula: Metáfora
 - Música: Don't let me down! (*The Beatles*)
- Foco da aula: Interpretar a música apresentada observando a presença da seguinte figura de linguagem “metáfora”.
- Materiais usados na aula: Letra da música (cópias); caneta e/ou lápis; Quadro branco e marcador; CD Player e CD.
- Tempo da aula: Aproximadamente 30 minutos
- Procedimentos da aula
 - ✓ Apresentar a música aos alunos e pedir para que leiam a mesma em silêncio;
 - ✓ Tocar a música uma vez, e perguntar aos alunos se eles sabem sobre o que a música está falando;
 - ✓ Tocar a música novamente e pedir para que os alunos tentem identificar a/as metáforas existentes na mesma;
 - ✓ Explicar o vocabulário desconhecido pelos alunos;
 - ✓ Obter as respostas dos alunos;
 - ✓ Corrigir as respostas coletivamente;

Assim como a aula anterior, esta foi direcionada para trabalhar figuras de linguagem, mas especificamente, metáforas, através da música (*Don't let me down!*) dos *Beatles*. Os alunos já sabiam qual era a proposta e o propósito da atividade, isto é, já sabiam exatamente o que deveriam fazer. Nessa aula também os alunos se mostraram muito interessados e empolgados com esse momento da atividade.

A música selecionada desta vez visou exatamente o conhecimento de todos, ou pelo menos, da maioria sobre a mesma, o que foi muito bom. No final da atividade – alguns alunos já comentaram a respeito da música, sobre o que poderia estar por trás da história da música, e assim, não tiveram muitas dificuldades em identificar as metáforas presentes na letra da

música, tendo em vista o grau de conhecimento de vocabulário que a maioria já havia internalizado anteriormente.

Analisando esta aula, percebemos que a música é uma forte injeção motivadora para o aluno, como Pereira (2000) afirmou. Assim, mais uma vez ficou claro, o quão importante a música pode ser quando utilizada de forma correta em sala de aula, auxiliando o professor, como mais uma de suas *ferramentas* (AMIGUES, 2004), mas, também os alunos, como uma forma dinâmica, divertida e motivadora de aprender o vocabulário (ZILLES, 2001, 2007) de um novo idioma (PEREIRA, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar como ocorre o processo de ensino/aprendizagem de vocabulário de língua inglesa em um curso de extensão a partir das músicas dos *Beatles*. Particularmente buscamos saber qual a visão que os alunos em um curso de extensão de língua inglesa, demonstram sobre a relação do ensino/a aprendizagem de vocabulário, e constatamos que os alunos aprendem sim o vocabulário, mas para que esse aprendizado se dê de forma eficaz, é necessário o professor interagir com sua turma em suas abordagens de ensino, bem como fazer com que os alunos interajam entre si, colocando em prática o que foi explicitado anteriormente pelo professor.

Analisamos também a abordagem de ensino de vocabulário utilizada pelo professor para o ensino de figuras de linguagem na concepção desses alunos. Verificamos que, em determinados momentos, o professor fez uso da abordagem direta de ensino de vocabulário, pois este procurou interagir os alunos ao máximo no universo da polissemia das palavras, mas fazendo uso de outras formas e estratégias com as quais pudesse tornar claro o vocabulário que ele queria ensinar.

Em relação à forma como o professor ensina vocabulário - focalizando as figuras de linguagem, especificamente as metáforas presentes nas músicas dos *Beatles* - em suas aulas de língua inglesa, verificamos que, o professor utilizou-se dos recursos que lhes estavam à disposição, mas chamando a atenção dos alunos para detalhes da língua, que embora usamos com frequência em nossa língua materna, ao nos depararmos com uma LE, passa despercebida por nós, que são essas figuras de linguagens tão presentes e utilizadas no nosso falar diário. Além disso, destacamos o uso da música como *ferramenta* de ensino, que muitos vêem como perda de tempo, mas que possui um poder incrível quando se trata de aprendizado de vocabulário, seja de metáforas ou qualquer outro tipo de vocabulário. Se utilizada de forma correta e com objetivos pré-definidos, a música causa um impacto positivo no processo de ensino/aprendizagem de vocabulário.

Portanto, cabe ao professor saber delinear bem seus objetivos e se beneficiar desta *ferramenta*, a música, no processo de ensino/aprendizagem de vocabulário; não apenas pelo simples uso de música em sala de aula, mas pela escolha do grupo musical a ser trabalhado, pelas mensagens da letra da música, pelo seu contexto histórico e sociocultural, aspectos esses que contribuem para um resultado positivo nesse processo - como no caso desta pesquisa.

Assim, percebemos que esta pesquisa contribui para as pesquisas na área de Linguística Aplicada, especificamente para o contexto de ensino/aprendizagem de

vocabulário em LE, já que não identificamos estudos que versam sobre esse tema, que tenham sido realizados nos cursos de extensão universitária por um professor de língua inglesa em formação inicial, tornando esta pesquisa pioneira nesse contexto em âmbito nacional. A experiência aqui apresentada demonstra a singularidade da pesquisa, na qual o professor em formação aprende a trabalhar em um contexto diferente (o curso de extensão universitária) do que possivelmente irá atuar: a escola regular.

Muitas foram as dificuldades encontradas não só para a realização desta pesquisa, bem como para a execução de todas as aulas. Dificuldades principalmente em relação aos recursos didáticos disponíveis para o curso. Mesmo tendo o espaço físico (salas de aula) e o material didático (livros), ainda assim, muito ficou a desejar, pois como se trata do ensino/aprendizagem de uma LE, necessariamente se faz obrigatório, pelo menos a meu ver, o uso de equipamentos de multimídia (aparelho de som, TV, tocador de DVD, etc.). Entendo como recurso obrigatório porque o aluno necessita ter contato com a fonética da LE, a partir da exposição de situações áudio-visuais que tenham a presença de falantes nativos e não-nativos da LE estudada. Assim, ter contato com variações linguísticas na LE é de suma importância para o aprendiz já que este não estará em contato apenas com a língua padrão da LE. Esse contato direto com as variações na LE pode ser explorado por meio de recursos tecnológicos.

Desta forma, fica aqui um apelo não só a coordenação do programa, - com a qual tinha e tenho contato mais próximo, e pude acompanhar e presenciar o esforço em busca de melhorias pelos cursos de extensão em língua inglesa - mas principalmente a chefia do Departamento de Letras e Artes, responsável maior, e a quem este programa está diretamente vinculado.

Em suma, esta pesquisa foi de grande importância, pois possibilitou a transposição didática dos conhecimentos adquiridos no curso de formação inicial, além de permitir ver os resultados, na prática, através dos meus alunos. Ver o engajamento, ter a cooperação e perceber que o rendimento das discentes que participarão desta pesquisa durante as aulas, foi bom me deixava muito feliz, mas quando percebia que eles realmente aprendiam o que ensinava, tive certeza de que estava fazendo a coisa certa.

Por fim, defendo a relevância do processo de ensino/aprendizagem de vocabulário, retomando as palavras de uma das participantes desse estudo, já que “[...] *é o processo pelo qual o estudante adquire conhecimento de várias palavras necessárias para o desenvolvimento de textos escritos, discursivos e suas respectivas compreensões*”. E que

quanto mais se aprende novos vocábulos, “[...] *mais amplo será seu universo lingüístico e sua capacidade de discussão sobre os diversos temas*”.

REFERÊNCIAS

- AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, Anna Rachel. *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004, p. 37-53.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias. Língua estrangeira moderna*. Brasília: MEC, 1999.
- BROOKS, Cleanth; WARREN, Robert P. *Modern Rethoric*. Shorter Edition. 1966.
- CELANI, M. A. A. Questões de Ética em Linguística Aplicada. *Linguagem & Ensino*, Vol. 8, No. 1, 2005 (101-122)
- CORBETT, Edward P. F. Classical Rhetoric. In: RIVKIN, Julie. e RYAN, Michael. (Editors). *Literary Theory: an anthology*. Oxford: Blackwell Publishing , 1985[2004].
- DAVIES, Hunter. *A vida dos Beatles*. Rio de Janeiro: Oficinas da Empresa Gráfica o Cruzeiro S.A. 1968.
- DICIONÁRIO inFormal. Disponível em:
<<http://www.dicionarioinformal.com.br/definicao.php?palavra=met%E1fora&id=1912>>
Acesso em: 05 de Setembro de 2011
- DRURY, John. *The poetry dictionary*. 2nd. Ed. Cincinnati, Ohio: FW Publications, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUTCHINSON, T. e WATERS, A. *English for specific purpose*. Glasgow: Cambridge University Press, 1987.

JACOBS, M. *Como “não” aprender inglês: erros comuns do aluno brasileiro: um livro prático e estimulante para melhorar seu inglês*. v. 1. 7 ed. SP: MAJ Livros, 1999.

LEWIS, M. *The lexical approach: the state of ELT and a way forward*. London: LTP, 1993.

PEREIRA, Erica. *O Ensino da Língua Inglesa com música - Música, linguagem universal*. Planeta Educação. Caçapava-SP, 2000. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1483>> Acesso em: 09 de Outubro de 2011.

RODRIGUES, D.F.. Visões sobre ensino-aprendizagem de vocabulário em aulas de ILE. In: GOTTOLIN, Sandra R. B. e SCARAMUCCI, Matilde V. R. (Orgs.). *Pesquisa sobre vocabulário em Língua Estrangeira*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SOUSA, Luciana Fiuza de. Um novo olhar sobre o ensino de vocabulário. In: PAIVA, V.L.M.O e. (Org.). *Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, 2007, pp. 51-82.

SILVEIRA, M. I. M. (1999). *Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino*. In: DIAS, Sandra Maria Araújo. (Org.) *Formação de Professores de Língua Inglesa e Estágios Supervisionados: Da Reflexão à Ação*. Campina Grande: Realize Editora, 2012.

TRAMONTINA, Mariana. *Aprenda expressões idiomáticas em inglês com músicas de James Blunt e de Snow Patrol*. UOL Educação. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/ultnot/2008/06/07/ult105u6581.jhtm>> Acesso em: 09 de Outubro de 2011.

UNTERBERGER, Richie. *Carry that weight – song review*. Allmusic, 2011. Disponível em: <<http://www.allmusic.com/song/t720914>> Acesso em: 10 de Outubro de 2011.

_____. *Don't let me down – song review*. Allmusic, 2011. Disponível em:
<<http://www.allmusic.com/song/dont-let-me-down-t993885>> Acesso em: 10 de
Outubro de 2011.

_____. *Oh! Darling – song review*. Allmusic, 2012. Disponível em:
<<http://www.allmusic.com/song/oh!-darling-mt0001759019>> Acesso em: 30 de Maio de
2012.

ZILLES, Marcelo. O ensino e a aquisição de vocabulário em LE no Brasil: abordagem direta ou indireta? In: GOTTOLIN, Sandra R. B.; SCARAMUCCI, Matilde V. R. (Orgs.). *Pesquisa sobre vocabulário em Língua Estrangeira*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

_____. *O ensino e a aquisição de vocabulário em contexto de instrução de língua estrangeira*. Dissertação de mestrado (não publicada). PPGL-UFRS. 2001.

APÊNDICES

Apêndices A – Planos de aulas

PLANO DE AULA

Data: 22/09/2011

Tempo: 1 hora e 30 minutos

Interdisciplinaridade: Português

Competência: Compreender e produzir diálogos abertos.

Conteúdos:

- LISTENING AND SPEAKING

Procedimentos:

➤ **Warm Up – Pré-Leitura**

- Fazer uma breve revisão do conteúdo visto na aula passada.

➤ **Procedimento - Leitura**

- Pedir para os alunos abrirem o livro na página 44.
- Tocar o áudio do CD para que os alunos respondam o exercício da página.
- Corrigir o exercício coletivamente, verificando a compreensão dos alunos em conseguir ouvir a resposta correta.
- Pedir para que os alunos criem um *Quiz*, baseado no do livro.
- Pedir para que os alunos procurem outros colegas na sala e façam as perguntas que criou em inglês e o outro aluno terá que também responder em inglês.
- Pedir para os alunos responderem a segunda parte do exercício na página 44.
- Pedir para os alunos responderem a segunda parte do exercício na página 47.
- Tocar o áudio do CD para que os alunos respondam o exercício da página sobre TV Shows.
- Fazer a correção do exercício coletivamente.
- Promover uma conversa interativa entre os alunos, fazendo com que eles utilizem todo o conteúdo gramatical, bem como o de vocabulário visto em sala, nas aulas anteriores.

➤ **Recursos Didáticos**

- Caneta e/ou lápis; Quadro branco e marcador; Livro, CD Palyer, CD.

➤ **Referência**

- MACCARTEN, Jeanne, MACCARTHY, Michael, SANDIFORD, Helen. *Touchstone 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, pp. 44 e 47.

PLANO DE AULA

Data: 20/10/2011

Tempo: 1:30 minutos

Interdisciplinaridade: Português

Competência: Interpretar a música apresentada observando a presença da seguinte figura de linguagem “metáfora”.

Conteúdo: Figuras de Linguagem: Metáfora

Música: “Oh! Darling!” (*The Beatles*)

Procedimentos:

➤ **Warm Up – Pré-Leitura**

- Você conhece alguma música internacional dos Beatles?
- Sabe o que a letra da música diz?
- Conhece alguma música que apresente alguma figura de linguagem na letra?
- Quais os tipos de figuras de linguagens que você identifica mais nas músicas?
- Como você sabe que se trata de uma figura de linguagem?
- Explicar o que é metáfora e exemplificar, mostrando exemplos no quadro.

➤ **Leitura**

- Apresentar a música aos alunos e pedir para que leiam a mesma em silêncio;
- Tocar a música uma vez, e perguntar aos alunos se eles sabem sobre o que a música está falando;
- Tocar a música novamente e pedir para que os alunos tentem identificar a/as metáfora (s) existentes na mesma;
- Explicar o vocabulário desconhecido pelos alunos;

➤ **Pós-Leitura**

- Corrigir a atividade (identificar figuras de linguagem) coletivamente;

➤ **Recursos Didáticos**

- Letra da música (cópias); caneta e/ou lápis; Quadro branco e marcador; CD Player e CD.

➤ **Avaliação**

- Avaliação contínua

➤ **Referência**

- TERRA. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/the-beatles/241/> Acesso em: 10 de outubro de 2011.

PLANO DE AULA

Data: 27/10/2011

Tempo: 1 hora e 30 minutos

Interdisciplinaridade: Geografia

Competência: Reconhecer bandeiras de diferentes países, citando seus respectivos nomes, a nacionalidade e capital da mesma.

Conteúdos:

- Building Vocabulary: Countries (Construindo Vocabulário: Países)

Procedimentos:

➤ **Warm Up – Pré-Leitura**

- Você conhece muitos países ao redor do mundo?
- Você já visitou algum outro país?
- Qual país você gostaria de conhecer um dia? Por quê?
- Qual país você nunca gostaria de conhecer? Por quê?
- Você é capaz de reconhecer as bandeiras dos países?
- E as capitais? Você conhece as capitais dos outros países?

➤ **Leitura**

- Apresentar um slide com várias bandeiras de países, pedindo para que os alunos repitam o nome dos países que serão apresentados, bem como a nacionalidade e capital da mesma;
- Apresentar novamente o slide, pedindo para que os alunos tentem falar e lembrar o nome das imagens, que já foram apresentadas anteriormente.
- Apresentar a estrutura necessária para quando o aluno quer saber de que lugar alguma pessoa é, ou quando ele quiser se apresentar dizendo de onde ele é;
- Exemplificar o item anterior, e pedir para que os alunos procurem outros e pratique a mesma estrutura.
- Pedir para os alunos responderem o exercício no livro.

➤ **Pós-Leitura**

- Corrigir a atividade coletivamente;

➤ **Recursos Didáticos**

- Laptop, caneta e/ou lápis; Quadro branco e marcador; CD Player e CD.

➤ **Referência**

- MACCARTEN, Jeanne, MACCARTHY, Michael, SANDIFORD, Helen. *Touchstone 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.p.88

PLANO DE AULA

Data: 17/11/2011

Tempo: 1 hora e 30 minutos

Interdisciplinaridade: Português

Competência: Identificar verbos regulares e irregulares no passado.

Conteúdos:

- GRAMMAR: SIMPLE PAST STATEMENTS
- READING: *A journal* (Um diário).
- Figuras de Linguagem – Metáfora - Música: Don't let me down! (*The Beatles*)

Procedimentos:

➤ Warm Up – Pré-Leitura

- Você já teve alguma vez na sua vida um diário?
- Já leu o diário de alguém? Um amigo ou familiar?
- Que tipo de coisa você escreve em um diário?

➤ Procedimento - Leitura

- Pedir para os alunos abrirem o livro na página 104.
- Apresentar o texto aos alunos e pedir para que eles identifiquem os verbos regulares e os verbos irregulares no passado que estão dentro do texto;
- Perguntar aos alunos se eles sabem sobre o que texto está falando;
- Explicar o vocabulário desconhecido pelos alunos;
- Fazer a leitura com os alunos (Pedir para que os alunos repitam após me ouvirem falar);
- Pedir para os alunos responderem o exercício no livro.
- Pedir para alguns alunos, apresentarem a atividade solicitada na aula anterior (Um breve relato sobre alguma coisa que aconteceu no passado; eles apresentam em inglês usando os verbos regulares e irregulares no passado.
- Tocar a música, pedir para alunos sublinhar os verbos no passado e circular os verbos que estão no presente.
- Apresentar a música aos alunos e pedir para que leiam a mesma em silêncio;
- Tocar a música uma vez, e perguntar aos alunos se eles sabem sobre o que a música está falando;
- Tocar a música novamente e pedir para que os alunos tentem identificar a/as metáforas existentes na mesma;
- Explicar o vocabulário desconhecido pelos alunos;
- Obter as respostas dos alunos;
- Corrigir as respostas coletivamente;

➤ Pós-Leitura

- Corrigir a atividade coletivamente;

➤ Avaliação

- Ditado da unidade 9

➤ **Recursos Didáticos**

- Caneta e/ou lápis; Quadro branco e marcador; Livro; CD player.

➤ **Referência**

- MACCARTEN, Jeanne, MACCARTHY, Michael, SANDIFORD, Helen. *Touchstone 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005,p.104
- THE BEATLES. Don't let me down. Disponível em:
<<http://letras.terra.com.br/the-beatles/314/>>

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO 1**QUESTIONÁRIO 1**

Caro aluno (a),

Este questionário tem como objetivo obter informações sobre sua aprendizagem de inglês, mais especificamente sobre a aprendizagem de vocabulário nas aulas de língua inglesa. Sua colaboração será de extrema importância para este estudo. Vale lembrar que sua identidade será preservada através da adoção de um pseudônimo (nome fictício).

Fico grato pela colaboração,

Paulo Alberto Marques.

CURSO DE EXTENSÃO EM LÍNGUA INGLESA

Nível: Inglês II Turno: Tarde

Nome: _____ (opcional).

Pseudônimo: _____ (opcional).

Idade: _____ Sexo: M () F ()

1. Há quanto tempo você estuda inglês?

2. Por que você decidiu estudar inglês?

3. Na sua opinião, o que é fundamental para aprender em uma aula de língua inglesa?

4. O que você entende por vocabulário? E por aprendizagem de vocabulário?

5. Qual a importância de vocabulário para aprender língua inglesa?

6. Você estuda vocabulário?

Sim () Não ()

6.1 Caso a resposta do item anterior seja afirmativa, explique de que forma você estuda vocabulário.

7. Você faz lista de palavras para estudar vocabulário?

Sim () Não ()

7.1 Caso a resposta do item anterior seja afirmativa, explique de que forma você faz esta lista de vocabulários.

8. Com que frequência você estuda vocabulário?

➤ De uma aula para outra ()

➤ Ao realizar as atividades propostas pelo professor/livro didático ()

➤ Apenas no período que antecede as avaliações ()

➤ Outras opções () _____

9. Você considera vocabulário um fator importante da aprendizagem da língua inglesa?
Por quê?

10. Como o seu professor ensina vocabulário?

11. O que você acha da maneira pela qual seu professor ensina vocabulário?

Satisfatória () Insatisfatória ()

Justifique sua resposta:

12. Como você gostaria que vocabulário fosse ensinado?

Obrigado pela sua ajuda!

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 2**QUESTIONÁRIO 2**

Caro aluno (a),

Este questionário tem como objetivo obter informações sobre como as metáforas podem ser mais uma ferramenta de ensino-aprendizagem de vocabulário nas aulas de língua inglesa. Sua colaboração será de extrema importância para este estudo. Vale lembrar que sua identidade será preservada através da adoção de um pseudônimo (nome fictício).

Fico grato pela colaboração,

Paulo Alberto Marques.

CURSO DE EXTENSÃO EM LÍNGUA INGLESA

Nível: Inglês II Turno: Tarde

Nome: _____ (opcional).

Pseudônimo: _____ (opcional).

Idade: _____ Sexo: M () F ()

1. O que você entende por expressão idiomática?

2. Você já ouviu falar em figuras de linguagem?

Sim () Não ()

- 2.1 Se sim, explique o que você entende por estas figuras.

3. Associe as colunas:

- a. Sentido Literal () Don't let me down
 b. Personificação () While my guitar gently weeps
 c. Metáfora () Behind that locked door

4. Marque a alternativa correta:

- 4.1 I'm feeling down Metáfora () Hipérbole ()
 4.2 I should be sleepin' like a log Personificação () Ironia ()
 4.3 Blackbird singing in the dead of night Amiguidade () Métafora ()

5. Marque apenas as alternativas que apresentam metáforas.

- a. Oh, darling. If you leave me, I'll never make it alone. ()
 b. Don't let me down, Don't let me down ()
 c. Every little thing she does, She does for me, yeah, ()
 d. Yesterday, all my troubles seemed so far away. ()

6. Considerando que os enunciados abaixo são os títulos/nomes de músicas que tem sentido metafórico, explique o significado de um deles:

- a. Carry that weight

- b. Don't let me down

- c. Too Much Monkey Business

- d. Day tripper

7. Que tipo de música você considera favorável para aprendizagem de figuras de linguagem nas aulas de língua inglesa?

ROCK () POP () HEAVY METAL () OUTRAS () _____

8. Você considera que a música favorece a aprendizagem das figuras de linguagem?

Obrigado pela sua colaboração!

ANEXOS

Anexo A – Discografia dos Beatles

Discografia Original da Banda

Discografia em Long Play (UK Albums)



1963 - **Please Please Me**
 Lançamento: 22 de março de 1963 (mono)
 26 de abril de 1963 (stereo)
 Produtor: George Martin
 Selo: Parlophone
 Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios
 Músicas: Lado A: Saw Her Standing There / Misery / Anna (Go To Him) / Chains / Boys / Ask Me Why / Please Please Me. Lado B: Love Me Do / P.S. I Love You / Baby It's You / Do You Want To Know A Secret / A Taste Of Honey / There's A Place / Twist And Shout



1963 - **With The Beatles**
 Lançamento: 22 de novembro de 1963
 Produtor: George Martin
 Selo: Parlophone
 Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios
 Músicas: Lado A: It Won't Be Long / All I've Got To Do / All My Loving / Don't Bother Me / Little Child / Till There Was You / Please Mr. Postman. Lado B: Roll Over Beethoven / Hold Me Tight / You Really Got A Hold On Me / I Wanna Be Your Man / Devil In Her Heart / Not A Second Time / Money (That's What I Want)



1964 - **A Hard Day's Night**
 Lançamento: 10 de julho de 1964
 Produtor: George Martin
 Selo: Parlophone
 Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios
 Músicas: Lado A: A Hard Day's Night / I Should Have Known Better / If I Fell / I'm Happy Just To Dance With You / And I Love Her / Tell Me Why / Can't Buy Me Love. Lado B: Any Time At All / I'll Cry Instead / Things We Said Today / When I Get Home / You Can't Do That / I'll Be Back



1964 - **Beatles For Sale**
 Lançamento: 4 de dezembro de 1964
 Produtor: George Martin
 Selo: Parlophone
 Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios
 Músicas: Lado A: No Reply / I'm A Loser / Baby's In Black / Rock And Roll Music / I'll Follow The Sun / Mr. Moonlight / Kansas City / Hey-Hey-Hey-Hey! Lado B: Eight Days A Week / Words Of Love / Honey Don't / Every Little Thing / I Don't Want To Spoil The Party / What You're Doing / Everybody's Trying To Be My Baby



1965 - **Help !**
 Lançamento: 6 de agosto de 1965
 Produtor: George Martin
 Selo: Parlophone / Capitol / EMI
 Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios
 Músicas: Lado A: Help! / The Night Before / You've Got To Hide Your Love Away / I Need You / Another Girl / You're Going To Lose That Girl / Ticket To Ride. Lado B: Act Naturally / It's Only Love / You Like Me Too Much / Tell Me What You See / I've Just Seen A Face / Yesterday / Dizzy Miss Lizzy



1965 - **Rubber Soul**
 Lançamento: 3 de dezembro de 1965
 Produtor: George Martin
 Selo: Parlophone / Capitol / EMI
 Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios
 Músicas: Lado A: Drive My Car / Norwegian Wood (This Bird Has Flown) / You Won't See Me / Nowhere Man / Think For Yourself / The Word / Michelle. Lado B: What Goes On / Girl / I'm Looking Through You / In My Life / Wait / If I Needed Someone / Run For Your Life



1966 - **Revolver**

Lançamento: 5 de agosto de 1966

Produtor: George Martin

Selo: Parlophone / Capitol / EMI

Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios

Músicas: Lado A: Taxman / Eleanor Rigby / I'm Only Sleeping / Love You To / Here, There And Everywhere / Yellow Submarine / She Said She Said. Lado B: Good Day Sunshine / And Your Bird Can Sing / For No One / Doctor Robert / I Want To Tell You / Got To Get You Into My Life / Tomorrow Never Knows



1967 - **Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band**

Lançamento: 1 de junho de 1967

Produtor: George Martin

Selo: Parlophone / Capitol

Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios

Músicas: Lado A: Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band / With A Little Help From My Friends / Lucy In The Sky With Diamonds / Getting Better / Fixing A Hole / She's Leaving Home / Being For The Benefit Of Mr. Kite! Lado B: Within You Without You / When I'm Sixty-Four / Lovely Rita / Good Morning Good Morning / Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (Reprise) / A Day In The Life



1967 - **Magical Mystery Tour**

Lançamento: 27 de novembro de 1967

Produtor: George Martin

Selo: Parlophone / Capitol / EMI

Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios

Músicas: Lado A: Magical Mystery Tour / The Fool on the Hill / Flying / Blue Jay Way / Your Mother Should Know / I Am the Walrus / The Fool on the Hill is a song by the Beatles on the album Magical Mystery Tour. Lado B: Hello Goodbye / Strawberry Fields Forever / Penny Lane / Baby You're a Rich Man / All You Need Is Love



1968 - **The Beatles (White Album)**

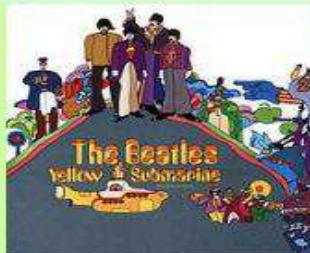
Lançamento: 22 de novembro de 1968

Produtor: George Martin, Chris Thomas

Selo: Apple / Parlophone / EMI

Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios / Trident Studios

Músicas: Lado A: Back In The USSR / Dear Prudence / Glass Onion / Ob-La-Di, Ob-La-Da / Wild Honey Pie / The Continuing Story Of Bungalow Bill / While My Guitar Gently Weeps / Happiness Is A Warm Gun. Lado B: Martha My Dear / I'm So Tired / Blackbird / Piggies / Rocky Raccoon / Don't Pass Me By / Why Don't We Do It In The Road? / I Will / Julia. Lado C: Birthday / Yer Blues / Mother Nature's Son / Everybody's Got Something To Hide Except Me And My Monkey / Sexy Sadie / Helter Skelter / Long, Long, Long. Lado D: Revolution 1 / Honey Pie / Savoy Truffle / Cry Baby Cry / Revolution 9 / Good Night



1969 - **Yellow Submarine**

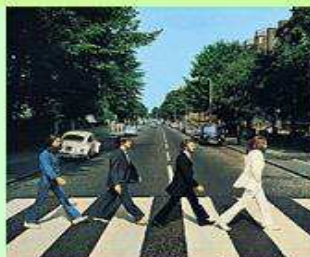
Lançamento: 17 de janeiro de 1969

Produtor: George Martin

Selo: Apple

Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios

Músicas: Lado A: Yellow Submarine / Only A Northern Song / All Together Now / Hey Bulldog / It's All Too Much / All You Need Is Love. Lado B: [All instrumentals by The George Martin Orchestra] Pepperland / Sea Of Time / Sea Of Holes / Sea Of Monsters / March Of The Meanies / Pepperland Laid Waste / Yellow Submarine In Pepperland



1969 - **Abbey Road**

Lançamento: 26 de setembro de 1969

Produtor: George Martin

Selo: Apple / Parlophone / EMI

Estúdio de Gravação: Abbey Road Studios / Olympic Sound Studios / Trident Studios

Músicas: Lado A: Come Together / Something / Maxwell's Silver Hammer / Oh! Darling / Octopus's Garden / I Want You (She's So Heavy). Lado B: Here Comes The Sun / Because / You Never Give Me Your Money / Sun King / Mean Mr. Mustard / Polythene Pam / She Came In Through The Bathroom Window / Golden Slumbers / Carry That Weight / The End / Her Majesty



1970 - **Let It Be**
Lançamento: 8 de maio de 1970
Produtor: Phil Spector
Selo: Apple / Parlophone / EMI
Estúdio de Gravação: Twickenham Film Studios / Apple
Savile Row Studios
Músicas: Lado A: Two Of Us / Dig A Pony / Across The Universe / I Me Mine / Dig It / Let It Be / Maggie Mae.
Lado B: I've Got A Feeling / One After 909 / The Long And Winding Road / For You Blue / Get Back

Fonte: Beatlemania. Disponível em: <<http://www.beatlemania.com.br>>

Anexo B***Don't Let Me Down - – The Beatles****Composição: John Lennon e Paul McCartney**Album: Get Back Ano: 1969***Don't let me down, Don't let me down****Don't let me down, Don't let me down**

Nobody ever loved me like she does

Oooo she does..yes she does

And if somebody loved me like she do me

Yes she do me Yes she does

Don't let me down, Don't let me down**Don't let me down, Don't let me down**

I'm in love for the first time

Don't you know it's gonna last

I'ts a love that lasts forever

It's a love that has no past

Don't let me down, Don't let me down**Don't let me down, Don't let me down**

And from the first time that she really done me

Oooo she done me she done me good

I gues nobody ever really done me

Ooo she done me...she done me good

FONTE: TERRA. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/the-beatles/314/>> Acesso em:
10/10/2011

Anexo C

Oh! Darling – The Beatles*Composição: Paul McCartney**Album: Abbey Road**Ano: 1969*

Oh, darling.
 Please believe me.
 I'll never do you no harm.
 Believe me when I tell you,
 I'll never do you no harm.

Oh, darling.
 If you leave me,
I'll never make it alone.
 Believe me when I beg you,
 Don't ever leave me alone.

When you told me
 You didn't need me anymore,
 Well, you know, I nearly
Broke down and cried.
 When you told me
 You didn't need me anymore,
 Well, you know, I nearly
Fell down and died.

Oh, darling.
 If you leave me,
I'll never make it alone.
 Believe me when I tell you,
 I'll never do you no harm.

Believe me, darling.

When you told me
 You didn't need me anymore,
 Well, you know, I nearly
Broke down and cried.
 When you told me
 You didn't need me anymore,
 Well, you know, I nearly
Fell down and died.

Oh, darling.
 Please believe me.
I'll never let you down.

Oh, believe me, darling.

Believe me when I tell you,
 I'll never do you no harm.

FONTE: TERRA. Disponível em:
<http://letras.terra.com.br/the-beatles/241/>
 Acesso em: 10/10/2011.